

11452 h 2

TELLOLOGIÃ

OU

FINALIDADE (VULGO NOVISSIMOS)

DO HOMEM.

POEMA PHYSICO-MORAL

EM QUATRO CANTOS.

COMPOSTO

Pelo auctor do Triunpho da Natureza, das Jeremiadas etc.

N. Vicente Pedro Nolases.



LISBOA

Na Imprensa Nacional.

1838.

MEMOIRS

(OF THE) SOCIETY OF PHYSICIANS

IN LONDON

PHYSICO-MATH

AND NATURAL HISTORY

OF LONDON

Printed and Sold by J. B. Nichols, 10, St. Martin's Lane, London, W.



1843

Printed by J. B. Nichols, 10, St. Martin's Lane, London, W.

1843

11

DEDICATORIA

AOS

PHILALETHAS, OU AMIGOS DA VERDADE.

TALVEZ pareça estranho que eu dedique aos amigos da verdade uma obra, para a qual só deveria procurar um grande numero de Leitores. Declaro que o meu objecto não é fallar á multidão, que não quer ter o trabalho de pensar. A verdade não é droga, que se ache nas tendas, ou no mercado. Por tanto não se compra com ouro; mas ganhada pelas fadigas do estudo, ou recebida por inspiração desenvolve encantos, e attractivos, que a tornam amavel. Não é possível conhece-la sem a prezar. Se os seus sectarios são poucos, é porque nunca a viram. Que ser humano se desgostaria com a presença da formosura? Pois a verdade ainda lhe é superior, porque, além das graças humanas, possui uma belleza celeste. Negar a verdade fôra o mesmo que negar a existencia das cousas. Tudo o que existe, existe em virtude de leis immutaveis, e eternas, pois se estas não fossem taes, a ordem do universo seria o cahos. A verdade pois, encadeada a estas leis, tem por fundamento os alicerces do mundo, e como tal, não sendo contraria á criação, mal pode ser inimiga do homem.

Da mesma arte o homem não pode ser ini-

1 *

5+

migo da verdade, pois seria inimigo de si mesmo. Se por toda a parte elle faz a guerra ao seu semelhante, é porque, falto da sua luz, não vê nella os seus melhõres interesses. As leis d'animalidade é que o governam; ellas reclamam a existencia animal, que só se repara á custa da mesma especie. Eis aqui porque o homem prefere o seu bem temporal, e visivel ao invisivel, e eterno. A verdade arraiga no infinito, mas, apparecendo no temporal, perde muito da sua força nativa. E' preciso remontar á sua origem para bem distingui-la; por isso os governos, e as instituições humanas, que não tem a base no infinito, ou não se identificam com ella, bem depressa cahem no abysmo das revoluções, e se extinguem. O charlatanismo politico é peor que o medico, pois este só mata individuos, e aquelle Nações. Debalde pertende o homem fazer a sua felicidade sobre a terra, se elle não trabalha para o bem da sua especie, e se desliga os interesses individuaes, e presentes dos interesses da especie, e futuros.

O amor da verdade, trazendo consigo o amor das sciencias, e o da justiça, é o mais poderoso agente para conduzir o homem ao physico e moral aperfeiçoamento. Sem cultura fica elle rude nos braços da natureza; e sem justiça escravo no imperio das paixões. A philosophia filha do amor da verdade, é quem lhe aplanar os tropeços, que se encontram nos obscuros caminhos do erro, e o guia ao summo bem. Mas onde existe esta verdade tão desejada por uns, e tão temida por

outros? Debaixê se busca ella nos subtlis argumentos da escola, ou nas discussões politicas de Assembléas populares. Ella não preside ao conselho dos Reis, nem ao congresso dos aulicos! Pois então onde a acharemos? Nos pensamentos do philosofo sincero, que reconhece na ordem immutavel das cousas a imagem do supremo Artifice dos mundos. No coração sobre tudo do homem probo, que ainda não foi deslumbrado pelo esplendor da fortuna, que só cede á impulsão da verdade, que não sabe explicar, mas que muito bem sabe sentir. O amor da verdade, assim como o do saber é innato no homem; e só se perde, ao passo que elle se affasta dos caminhos da natureza.

D'aqui se vê que o numero dos amigos da verdade é mais do que se pensa. Em todas as classes e seitas é possivel encontra-los, salvo entre os egoistas, hypocritas, e avarentos. São estes tres generos que ficam excluidos da minha Dedicatória. Os egoistas são indifferentes á verdade, porque não conhecem o seu preço. Os hypocritas a odeiam, porque ella os desmascara. Os avarentos a temem, como seu castigo. A verdade porém é o unico objecto d'util investigação, faz a mira do philosofo, que só quer o bem; e pode só resgatar as nações do captiveiro do erro, que se universalisa.

A vós pois me dirijo, oh gerações futuras. A vós, meus compatriotas e presentes cosmopolitas. Eu rogo a vossa attenção; parece-me ter jus a ella; não porque pertenço a uma nação, que,

ainda que pequena, foi grande nas actas da gloria por seus nauticos esforços a favor do commercio e civilisação do mundo. Não porque possui uma lingua filha pulcherrima da latina. Tenho outros titulos á vossa consideração. As minhas credenciaes são as da verdade. O meu soberano a razão. Convido-vos por tanto a lêr, e reflectir um pouco nas presentes linhas, Sabei que o melhoramento de uma nação faz, quando muito, a belleza de uma das feições da humanidade. Mas o maximo aperfeiçoamento da nossa especie consiste no imperio universal da lei, que será incompleto, em quanto não houver o mesmo credo politico, e religioso nas quatro partes do globo. Se vós recebeis de bom grado este principio, ficará preenchida a missão do Portuguez philantropo

Vicente Pedro Nolasco,

INTRODUÇÃO À TELEOLOGIA.

A MAIS nobre e sublime designação do ser humano é inquestionavelmente a morte. Sem morte ficaria elle eternamente encarcerado na estreita prisão de uns órgãos que lhe encobrem, e cancellam os caminhos da felicidade, para que nascera. A Natureza por tanto deve considerar-se como o cadinho, onde se purifica a individualidade de seres organicos e pensadores. A vida destes, começando em órgãos que apenas bastam para uma duração passageira, não é mais que o rudimento de uma menos precaria, e mais solida existencia. Os indicios desta verdade se notam já nos quadros mesmo da Natureza. A observação sobre alguns insectos, que se reduzem a uma massa inorganica, ou fórma de apparente insensibilidade, que os naturalistas chamam *erysalida*, e de que resultam seres locomotivos, e voadores; a visivel reproducção de vegetaes, e animaes á superficie da terra fizeram nascer entre os antigos os systemas de *Metamorphose*, e *Metémpsy-cose*; isto é, fizeram suppor que no circulo movente da organização havia uma continua transformação de corpos, e transmigração de espiritos; o que assaz deixa vêr que em todo o tempo os philosophos observadores reconheceram na marcha da Natureza a indestructibilidade de seus entes.

Depois da descoberta da attracção, que regula o systema planetario, e das leis do movimento, que a physica tem calculado exactamen-

te, não foi difficil á physiologia descobrir os elementos da vida na economia da Natureza. A vida encadeada a um systema de forças immutaveis, qual o do Universo, devia seguir em tudo a sua marcha. O seu primeiro ensaio, é verdade, de baixo de órgãos quebradiços e fracos parece não ter alicerces seguros; mas por pouco que se considere a immutabilidade da lei, que limita o ambito da criação, vê-se-ha que nada se perde no seu seio, e que o ente simples não pode mudar de character, isto é, que um nunca pode ser dous, etc.

Por outra parte, a vida actual e circumscripta ás rotações do Globo, que habitamos, e por consequente mera relação temporal, ou de limitado espaço, deve desaparecer da successão dos entes physicos, para entrar no systema immutavel do mundo invisivel, ou das harmonias universaes, Os elementos da organização, sendo commensuraveis, entram por conta, peso e medida na formação dos seres organizados. A natureza assim na sua economia conserva sempre a mesma relação entre as massas brutas, e organicas, e iguala os materiaes da vida com os destroços da morte. Tambem é ella synthetica nas suas operações; e a sua analyse é precisa consequencia da reprodução dos seus seres.

A vida organica por tanto é a reacção da força vital contra as forças physicas; e porque aquella combate contra estas em elementos infinitamente desiguaes, isto é, em partes minimas contra a totalidade; segue-se que a lucta deve ceder do lado mais fraco. D'aqui a necessidade da morte, ou desappareição do phenomeno vital; este porém sendo reproduzido sobre a terra, e contido em órgãos proporcionaes a esta, deve

manter constantemente certa porção de massa, que entrando na sua limitada esphera de acção, existe sempre na mesma quantidade, ou em vegetal, ou animal.

Qualquer porém que seja a quantidade da materia organisavel, é certo que ella se organisa dos mesmos elementos, que constituem os tres principaes estados da bruta massa, a saber, de corpos solidos, liquidos, e aeriformes. A organisação por tanto, que se observa no Globo terraqueo, segue a marcha de seus agentes physicos, e se modifica nas diversas latitudes. Assim entre os circulos polares, e os tropicos ella caminha mais vagarosa, que debaixo do equador, onde as suas forças reparadoras se proporcionam com as destruidoras. Eis porque alli se encontram em maior quantidade plantas, e animaes venenosos a par d'uma vegetação superabundante.

O homem pois organizado relativamente ao globo que habita, devia trajar as roupas da animalidade nelle conhecida. Assim é o homem o complexo de todas as organisações existentes. Elle tem da natureza a ferocidade do tigre, a mansidão do cordeiro, a doçura da pomba, e a raiva empeçonhadora da serpente. A sua vida organica está por isso sujeita ás leis geraes da organisação. Mas o homem tem de mais a mais uma differença caracteristica, e essencial dos outros animaes da terra. Elle foi organizado para a intelligencia, isto é, possui um sentido interno, onde elle pode rectificar as impressões dos sentidos externos, e onde sente a contradicção das cousas oppostas, e a repugnancia das impossiveis. E' esta repugnancia o seu unico criterio da verdade, a unica fonte de sciencia exacta, de que elle é susceptivel.

Debaixo d'este ponto de vista se considera o homem como senhor de duas naturezas diversas, uma physica, e outra intellectual. A pasmosa união destas duas naturezas tem dado logar ás duas hypotheses, que entre os philosophos predominam = espirito immaterial, e materia pensante. Seja como fôr, é certo que nós só conhecemos o espirito pelas suas qualidades negativas, isto é, por não estar sujeito ás leis, que regem os corpos. Por isso o espirito, como substancia intelligente, é capaz só negativamente de conhecer a verdade. Assim lhe repugna que uma coisa exista, e não exista ao mesmo tempo: que a parte seja igual ao todo: que o circulo seja quadrado, etc. D'aqui vem que o methodo de raciocinar das escholas concluindo *ad absurdum*, fundado neste principio, é o mais exacto em consequencias.

O entendimento pois, que caracteriza o ser humano, e que reina no seu sentido interno, tem órgãos externos, por onde manifesta as suas faculdades essenciaes. A voz privativamente sua, como serie de sons articulados, é o vehiculo, que traz fóra os seus pensamentos, e juizos; e dá já pelo seu mechanismo a conhecer a importancia da sua natureza. Distinguir pois a differença de cousas, e suas relações, ou entender, faz o seu alto character. Perceber a congruencia e discrepância das cousas é a sua melhor funcção, a faculdade judicativa, a razão que constitue o seu ente moral, e augmenta a esfera da sua grandeza, fazendo-o capaz da verdade.

Subindo assim da sua economia physica para a intellectual, achamos logo, que esta importante faculdade, a razão, parece contrariar o ser physico. A dor neste, e o prazer são os unicos moveis, que regulam a sua acção para fugir d'uma,

e buscar o outro. A razão, muito acima da sensibilidade organica, só busca a coincidência das partes com o todo, e assenta deste modo as bases da moralidade. Prazer, e dôr, como leis instinctivas servem apenas para dirigir a bruta especie; mas como antagonistas da razão falham sempre no ser razoavel. Contraposta ao instincto, e desenvolvida á casta delle; a razão segue na sua marcha as leis da universalidade, e encadeia o mundo physico ao mundo moral por vinculos geraes, e indissoluveis.

O ser intellectual não só está commo com o mundo physico, a que o prende a organização, mas tem de mais a mais relação com o mundo invisivel da intelligencia, onde se percebem melhor os elos da cadeia dos entes, e a congruencia systematica da ordem universal, e eterna. Deste modo possuidor o homem da razão, pela qual discerne, ou pode discernir o nexo das suas acções com o systema do universo, se torna ente moral. isto é, conhecedor das relações immutaveis entre si, e o mundo intellectual. Elle pode por isso com certeza classificar os objectos, e basear só no infinito a estimativa exacta das suas obras: sem este ponto (o infinito) não tem elle typo seguro de principios-moraes. E' preciso comparar com a immutabilidade desta ordem geral o seu proceder passageiro, para achar a differença, ou conformidade deste com o todo, e por consequente tirar as regras do justo, e do injusto.

Neste predicamento está o homem collocado entre dous mundos. No physico tem elle por lei instinctiva o prazer, e a dor. No intellectual tem o mal, e o bem universal por fundamento regulador das suas acções. Da contraposição das leis organicas com as moraes nasce o conflicto, que

o aperfeiçoamento no mundo moral, se elle sabe triunfar do physico. Harmonisar por tanto as suas affecções com a totalidade, submeter os seus sentidos ao regimen da ordem, faz o principal dever do ente moral. Sacrificar-se pela verdade, e pela justiça, e em defeza dellas expor uma vida organica passageira, é o cumulo do seu heroismo, e a meta de suas mais sublimes esperanças.

A morte pois, que só faz o terror do crime, e o susto da ignorancia, e da fraqueza, considerada physicamente não é mais que a mudança de forma, ou do estado primordial organico dos entes da natureza. Moralmente considerada, ella offerece aos olhos do pensador o passo mais importante para os futuros destinos do homem.

A Teleologia, apresentando alguma idéas originaes sobre a economia da vida organica e moral do ser humano, não deve olhar-se com indifferença sobre tudo pelo reformador dos estudos, e pelos instituidores da publica, e privada educação. Estas idéas dispersas n'uma obra de livre composição, projectava eu desenvolver, se a minha longa molestia o permittisse, e applica-las a um novo systema de legislação, que, fundado nas leis da vitalidade, servisse a promover os principaes e reciprocos interesses da sociedade.

MORTE.

CANTO PRIMEIRO.

Nascentes morimur, finesque ab origine pendent.
LUCRET.

TRADUCÇÃO.

Ao nascer morremos. Berço e sepulchro se tocam.

ARGUMENTO.

Invocação. Proposição. Força motora dos astros, origem da vitalidade. Materia organica, combinação particular de elementos fixos, líquidos, e aeriformes. Vida organica, lucta de principios oppostos e desiguaes. Sua rapidex. Identidade, e differença das duas massas brutas e organicas. Quantidade desta ultima sempre igual. Corpos celestes, berços de organisações. Vida humana presa ás leis da attracção. Sua immortalidade. Esboço da vida physica do homem. Morte com diversos meios d'apparente estrago, sempre reparadora, nunca destruidora. Sua conexão com o movimento geral é progressiva, e só muda de scena. Exclamação sobre a morte e vida. Esta, para ser um bem, precisa ser immortal. Veracidade deste principio. Differença entre prazeres physicos e moraes. Progresso da vida organica. Seu precario e desigual tecido. Sua lei conforme aos designios d'uma Providencia. Grandexa humana. O mal physico, e moral consequencia desta organisação. Vida além da meta visual. Sua intensidade depois da morte. Simplicidade do ser moral. Composição do physico. Orgãos de bondade, e perversão. Seu equilibrio mal sustido pela razão.

A educação atterando mui cedo este equilibrio. No berço a formação do principal caracter do homem. Vícios da educação incompativel com as turbas. Estas um mal Egoismo, e orgulho seu resultado indispensavel. Extravios humanos. Loucura a maior do homem a renuncia do infinito. Espoliação da morte. Erros da legislação. Ensino publico defeituoso. Deve corrigir-se pela natureza. Desprezo deste; desfiguração da especie. Esta opprimida no estado social, e desgraçada no accumutamento dos homens. Opinião publica illusoria. Indifferença criminal nas grandes cidades ácerca da humanidade. Crimes provenientes da multidão. Necessidade da morte. Morte do impio, do justo; remate.

MORTE.

CANTO PRIMEIRO.

Nascentes morimur, finisque ab origine pendet.
LUCRET.

TRADUÇÃO.

Ao nascer morremos. Berço e sepulchro se tocam.

DESCE, Urania, dos Ceos. Da vida as fontes
 Abre: adoça da Morte o rude azebre.
 O berço do homem; seus, finaes destinos,
 E, o que a vista não vê, descobre aos olhos.
 Força eterna, e immutavel rege os astros,
 E c'os mundos irmãos rolando a terra,
 D'ella houve as leis, que o movimento regram.
 Movimento, e materia eis se entrelaçam,
 E de ensaios vitaes se ostenta a scena.
 Dependente de estado aeriforme
 De liquida porção, principios fixos
 Resulta o ser de organica estrutura,
 E entre os corpos o humano assaz distincto,
 De typo divinal completo assombro.
 Mas leis, por que se forma o seu tecido
 Não vê olho mortal, só nota a mente.
 A essencia destas leis quem nasce ignora,
 E ha de sempre ignorar. Nada isso importa.
 São leis diversas mesmo, e até contrarias
 A's leis da massa bruta. Isto é bastante.

Da reciproca acção de oppostas forças
 Brota a vida; e uma vida, que depende
 De não iguaes, contrarios elementos
 Não pode ser constante; acabar deve.
 Cede o menos ao mais, e o fraco ao forte.
 A massa bruta e organica estão sempre
 Em firme opposição, continua lucta.
 Organica existencia é como o tempo
 Constrangido a pugnar co'a eternidade;
 O tempo acaba, a eternidade fica.
 Qual onda, que succede apoz outra onda,
 E no pelago immenso é confundida,
 Vem um dia apoz outro, até quebrar-se
 Da organica existencia o fio debil
 De menor duração, quanto é mais fino
 Desde o Insecto, que mal o Estio dura,
 Té essa Ave, que seculos affronta,
 Toda a vida é no espaço interminavel
 Nocturna exalação, que apenas brilha.
 Mas nesta rapidez, neste tumulto,
 Neste oceano da vida, em que luctamos,
 Só desaparecer as formas vemos.
 Na geral confusão nada se perde,
 O que escapa á visão não se anniquila.
 A massa organisada, e bruta massa
 Se curvam da mesma arte ás leis do peso.
 Tudo quanto existencia uma vez teve,
 Deve sempre existir d'um modo, ou d'outro.
 Assim na rotação do terreo globo
 Se nota a successão, e a variedade
 Que traz das Estações constante o giro.
 A massa todavia é sempre a mesma
 Quer no animal, ou vegetal exista. (a)

(a) O principio physiologico, que admittê á superficie da terra, sempre em acção, a mesma quantidade de massa organisavel, quer seja no reino animal, quer no vegetal, ficará mais claro se considerarmos que as superficies laboraveis do globo terraqueo só produzem certa e determinada quantidade de vegetaes, de gado, e de homens; e que qualquer que seja a população de um paiz, não cresce esta, ou diminui, senão á medida de seus meios alimentares. A natureza na sua economia põe limites á criação, que debalde a politica pretende ultrapassar. Assim o principio = *unius destructio illi alterius reparatio* = deve ser o escopo de todo o systema governativo a respeito da população, que exige que ella não seja indefermitnada para ser boa, e requer sabias instituições, como as que crearam os morgados, e celibatarios, etc.

CANTO I.

Corpos extensos, que no espaço errantes
Invencível poder d'attracção prende,
O acaso não lançou. São d'um Designio
Systematico arranjo; elles são berços
De germes, que desprende a vital força.
E' primeiro a existencia do que a vida,
D'esta principio, curso, e fim notemos.

Na vasta criação, qualquer que seja,
O' homem, teu lugar, tu da poeira
Filho, tu não pereces! Começaste
Sobre a terra, é verdade, a ser vivente;
Mas teu berço esta terra, que rolando
Vai no choro dos mundos sempre firme,
Tem por seu fiador do Eterno a dextra,
Que em cadêa invisível prende o todo,
E o teu ser da cadêa não desprende.
Perante as leis motrizes do universo
Tanto a montanha como o argueiro pesa
Pequeno, e grande; relações do tempo
Da eternidade apar desaparecem.

Se pois no seio da materia bruta
Nada perde o seu ser, nada se extingue;
Se a mais subtil particula, a mais leve
Esquivar-se não pode ás leis do peso,
Como podem da vida os alicerces
Presos ás mesmas leis ser destructivos?
Quem segura a existencia, a vida esquece?
Do sentir, do pensar quebra-se o engenho
Para fugir ás leis, que o ser lhe deram?
Sentidos, impressões, e intelligencia
Seriam falsidade, e absurdo no homem
Se negasse estas leis; se architecturas
Visse sem architecto, injusto, e justo
Foram vãs concepções, e erro a verdade.

Não, modera, ambição, teu louco orgulho,
Sensualidade, enfrea os teus furores.
Ente moral e physico não morre.
Dando á materia bruta o que é visível,
Despindo órgãos grosseiros, e palpaveis,
E' no invisível mundo ente invisível,
No systema das forças uma força.
Não morre pois a intelligencia pura,

O que foi justo e pio não se extingue.
 De existencia mais livre órgãos assume,
 E órgãos mais finos que á visã se evadem.
 Qual gaz que, livre, ao detonar se expande,
 (Se pode comparar-se o fino ao tosco)
 Se dilata na morte a mental vista.

O ser humano mais e mais se amplea.

Mas, que digo? Em quem sou? Deliro ou sonho?

Quem me deu este ser? Quem mo arrebatou?

Ignoro d'onde venho, e por que vivo.

Do materno sepulchro á luz fui dado.

Somno, pranto, clamor foi minha infancia,

Tenho pimpolho sem soccorro alheio

Ao lado do abandono acabaria.

Cresci, a precisão cresceo comigo.

Ella me entrelaçou c'os mais humanos.

De mutua prestação meus dias foram,

Foi sonho o meu prazer, minha paz ~~sonho~~,

Cançasso o meu velar. Tive d'herança

C'os filhos da mulher, do parto as dores.

Vivo cercado dos mortaes desastres,

Vai-me faltando a luz no meio d'elles...

Eis a vida; eis o fundo, em que me estribo

Para nutrir do orgulho a louca ideia,

A vaidade d'um ser primor do mundo.

Quaes são meus dons? Quaes minhas esperanças?

Dotado de fraquissimos sentidos,

Sou apenas capaz d'esforços debeis.

Minha razão fraqueia qual seus órgãos.

Todo me encolho, todo me confundo

Na idéa deste Ser, se ousou indaga-lo.

Da vastidão das cousas existentes

Principios desconheço, e fins ignoro,

E dos seres na escala me contemplo

Ser de grande importancia; além da campa

De não terrenos bens me creio herdeiro,

E até d'um Deos immenso expressa imagem:

Oh nescia presumpção! Como o ser fraco

D'uma só hora o proprietario errante

Sem merito perenne acreditar-se

Pode ufano credor d'eterna gloria?

Morte, oh morte, somente os teus horrores

A credula vaidade atterrar podem,
 Atterrar todo aquelle, que orgulhoso,
 Sobre o seu semelhante ousa elevar-se!
 Essa dura potencia, arbitra excelsa,
 De mil maneiras exercer tu poderes,
 Em damno dos mortaes, e em teu serviço
 Tens occultos punhaes, e atros venenos;
 Incendios, sedigões, a peste, a guerra;
 Tua fouce cortante imperios talha;
 Varre inteiras nações. Sempre operando,
 Ora lenta destroes, ora com força
 Subito saltas sobre a preza tua.
 Precedem tua marcha a dôr, e as febres,
 E a turba infesta das molestias graves.
 Muitas vezes teus passos sanguinosos
 Do Fanatismo guia o facho ardente.

No momento em que escrevo, oh sorte dura!

Vituperio fatal da nossa idade!
 O sangue humano aos borbotões ondea,
 E sangue de Christãos. Fulmina, estraga
 O alfange Musulmano a Grega gente,
 E sobre a Cruz troféos une ao Turbante. (a)
 O ferro, o fogo multidões devasta,
 E em throno de ruínas se ergue a Morte.

Não é na terra novo o atroz flagello,
 Só no modo de obrar diversifica.

Umás vezes o globo estremecendo
 Rebentando em vulcões reinos subverte;
 Outras vezes do estrago a acção vigoram
 As guerras da Ambição, do Despotismo.
 Não tem pausa a tarefa estragadora.
 E a morte, e a vida, de igual passo avançam.

Filha do tempo a Morte arraiga o sceptro
 Sobre os reinos da vida; elle é preciso
 Para reger a criação visivel.
 A Morte não destroae, busca lugares
 A novos occupantes: não recua,
 E' sempre progressiva, e infatigavel,

(a) Allude-se á queda de Misso-Longhi em 1826 pelas tropas de Ibrahim Bei, na qual pereceo immensidade de Gregos, entre os quaes cam Lord Byron, voluntario defensor, e entusiasmado campeão das liberdades da Grecia.

Não desmancha, compõe; fornece aprestes,
Renova, e arranja os arsenaes da vida.

Não finda a sua acção só neste globo.
Seu immenso poder transcende aos astros.
Tudo quanto se move lhe é sujeito.
Seu imperio é o da vida. A' natureza
Por essencia pertence o movimento,
D'elle a vida depende, e entra em seus giros.
Não pára elle porém de qualquer modo,
Que proceda em seu curso. As horas voam
Do globo apar. A Morte não socega.
Suas victimas fere a cada instante.
Uns aos outros os seres succedendo
D'ante os olhos mortaes desapparecem.
Cidades ermos são, e ermos cidades.
Desertas praias densas enxameiam,
E praias habitadas são desertos.
Assim da criação mudada a scena
Conserva a especie, e leva os individuos.

Babilonia, onde estás?! Memphis, aonde?
Onde existes, Palmira? Ah! nas ruinas,
Na solidão dos evos já submersas!
Varreo a mão da Morte as vossas chusmas!
Mal da vossa existencia os traços vemos!
Não minorou com tudo a vital força,
Da Morte o grão soccorro é sempre prompto.
Viajante sem pausa ella dó globo
Visita as regiões, onde mais lucra.
Tu, senhora dos mares abundosa,
Vasto emporio do mundo, extensa Londres;
Tu, vizinha París, buscado assento
De estranhas multidões, vós sois viveiros,
Onde a Morte alimenta a preza sua.
Roma, rainha duplice da Europa,
E tu, Lisboa, de ousadias berço,
Vós da Morte haveis sido amplo theatro.
Os homens de montão fermentam prestes,
E terminam mais cedo. A lei da sorte
Cumprida deste modo é mais terrivel.

Mortal do luxo escravo, e vãs grandezas,
Cego ao clarão de falsos resplendores!
Quanto fôra melhor viver tranquillo.

Retirado da chusma, entre as delicias
Da natureza respirar quieto,
E em descanso acabar, que ir no tumulto
Do mundo um ser largar, que arrastou sempre
Uma vida inquieta, e fluctuante!
Tu, que apar dos prazeres, que te illudem,
Que esquecido da morte, incauto existes
Da multidão no seio, entregue todo
A' furia das paixões; tu saber deves
Que é peor do que a morte uma tal vida.
Nado para morrer teu fim medita,
E as lições do viver da morte aprende.
Tem da verdade o cunho, ellas não mentem.
Quem não pensa em morrer, viver não sabe.
Esta a mais proveitosa e sã doutrina,
Que a seus filhos expende a natureza.
Não é certo o nascer, e a morte é certa;
N'ella por isso basear devemos
Toda a nossa grandeza, e as esperanças
De ventura maior que o ser presente.
Não fôra a vida um bem, se elle acabasse;
E dita perennal somente é dita!
Quem me deu uma, o outro me ahiança;
Minha vida um dom, foi, não força ou acaso.
Mão bemfeitora argue um tal presente.
Não pode não ser falso este principio:
Quem me fornece bens, não me é contrario.
Quem prazeres me dá, mostra-se amigo;
E é grato receber, gozar sem paga.
Isto sente quem pensa; quem não pensa
Tem só prazeres momentaneos, cegos,
Filhos da precisão; se é satisfeita.
Mas gozar de sentir quanto é diverso!
Sentidos satisfeitos só se exhaurem.
Para outra vez gozar repouso pedem.
Dura só gozo, que na mente arraiga;
Ou elle venha de consciencia recta,
Ou nasça de sublimes esperanças.
Nisto o moral, e o physico discrepam;
O physico só sente, o moral goza.
Dos seres na cadêa organisados
Eis-me preso tambem. Sinto apar d'elles.

Da physica existencia os bens, e os males.
 Meus sentidos externos communicam
 C'o mundo exterior. Meus olhos se abrem,
 E a luz me ostenta do universo a face.
 Dos prospectos ruraes me encanta a vista,
 Folgo no meio das gentis cidades,
 Onde brilha o trabalho, onde a cultura.
 Entre mim, e entre os seres, que me cercam,
 Reciproca impressão se estabelece.
 Do social commercio avantajados
 Meus orgãos se refinam, se acalentam.
 Sua aptidão me exalta a natureza
 C'o giro das sazões. Na primavera
 Grato perfume, que embalsama os ares,
 No estio almo calor, e amena sombra;
 Fructos do outono, a fria acção do inverno
 Temperam do meu corpo a economia;
 Mas ella dura pouco. A vida humana
 Mesmo em annos, em dias resumida
 Dás leis da natureza não se affasta.
 Assim são primavera adolescência,
 Virilidade estio, e outono, e inverno
 Da madureza, da velhice imagem.
 Ou, se a um dia as idades se comparam,
 São manhã, meio dia, tarde, e noite.
 Neste dia com tudo de existencia
 Noite e manhã mil vezes se confundem.
 Um prazer mil desgostos acompanham.
 Pode assaltar-me a dor por toda a parte,
 Por poucos pontos o prazer me affeta.
 Tal é do ser organico a estrutura,
 Onde pena, e prazer não se equilibram
 Em justa proporção. Foi lei da vida
 Que incommodos continuo a perturbassem,
 E o edificio seu não foi defeso
 De acerbos inimigos, de aggressores.
 Lucta a vida em si mesma, é guerra no homem,
 E assim devia ser, pois de outra sorte
 O desenho dos Ceos fóra incompleto.
 Cumpre sentir primeiro a rude falta,
 Porque depois se goze satisfeita.
 Sem trevas não seria a luz tão forte.

Mostram isto a razão e a natureza.

Soffrer por tanto firme, e resignado

Faz o meritó humano; esta a nascente

Da grandeza moral, da excelsa gloria,

Qual ouro, que o eadinho purifica,

Acrysolá a virtude a paciencia.

Quem não sabe soffrer, gozar não pode.

O mal physico existe: elle resulta

Desta desproporção, que ha nos sentidos.

E como ha de o moral, que assenta as bases

No physico, do mal ser livre, e isento?

Ha no moral e physico por tanto

De bens, e males desigual mistura;

Tem o physico a dôr, fome, e doengas

A nudez rude, as precisões acerbas.

Malevolencia, suberbía, inveja

A traição, a perfidia, a hypocrisia,

A mentira fallaz, e a vil calumnia

São no moral desastres conhecidos.

No physico por tanto as paixões reinam,

Os crimes no moral. Com tudo a morte

O physico subverte, o moral fica

Sempre o mesmo; inda o mesmo além da campa,

Portal escuro do invisivel mundo.

Ceos! E toda a existencia limitada

Fora ao olho mortal! que desarmado

Nunca o anel viria de Saturno,

Nem as luas de Jupiter? Seria

A meta da visão da vida o termo?

Ah não! Força, e sentir da vista escapam?

Dôr, e prazer, que se não vêm, nem palpam,

Mais intima adhesão na morte alcançam

C'o principio vital, que nunca morre.

Senão dize-o tu mesmo. Quando assalta

Subita dôr teus placidos sentidos,

Do mundo externo não te escapa a idéa?

Não te concentra a dôr, e o prazer mesmo.

Mais e mais dentro em ti quando são fortes?

Pois assim quando objectos se esconderam

A teu sentido externo, quando a morte

Qual abutre voraz, que a preza afferra,

Se lançar sobre ti, tua existencia

Fixada então n'um ponto, ha de pesar-te
 Com todo o trem dos habitos da vida,
 Mais grave, ou rude, mais amena, ou doce,
 Segundo a teu sabor se houver passado.
 Grave, se o crime a carregou de manchas.
 Doce se da virtude os dotes teve.
 E assim na Eternidade ha de fixar-se
 Incapaz de mudar, pois é já simples.

Simples o ser moral, puro na origem,
 Ao physico se liga; ente composto;
 Dous principios oppostos neste reinam.
 Bondade, e perversão tem proprios órgãos
 Nos humanos sentidos, que mui fraca
 Equilibra a razão, que o moral rege,
 E que apar da cultura é triumphante.
 Mas como da maldade predominam
 As fortes propensões, são sempre escassos
 Os bens, que a poucos órgãos correspondem.
 Da falta de equilibrio, e de cultura
 No ser organizado, é que rebenta
 A cohorte feroz dos vicios rudes,
 Das paixões brutas, que a razão depravam,
 E o ser moral em monstro desfiguram.
 Mas como se effectua esta mudança?
 Da vida humana o curso examinemos,
 Vêr-se-ha sempre conforme a seus começos.

Ignaro, e debil nasce o tenro infante;
 Dôr, e estranheza é seu primeiro anhelô.
 Falta-lhe o alento; e logo por instincto
 Busca o seio materno, avido chupa,
 D'almo prazer nascente as lacteas ondas.
 O ser moral d'alli principios tira.
 Aos gritos seus o infante inda no berço
 Vendo voar o affago em seu soccorro,
 Por logica do instincto alta importancia
 Na sua pequenez concebe prompto.
 E as cores da illusão, da mente os erros
 Por olhos mal abertos lhe introduzem.
 Alli se formam da philaucia os traços.
 Datam d'alli soberba, e despotismo.
 De outra parte a penuria, o desmazelo,
 Todos os males do abandono abrindo

A universal calamidade alastram.

Eis a sorte do vulgo. Immensas chusmas
 Pelas vastas cidades enxameam
 De seres, a quem vida é fardo enorme.
 Succumbindo por isso ao rude peso
 Da miseria geral no seio escuro
 De infectos hospitaes seu termo encontram,
 E a lista augmentam dos mortaes desastres.
 Do berço os homens sorteados foram
 D'alli veio o conflicto, em que estão sempre
 Fausto, e pobreza; veio a epidemia
 De agras revoltas, implacaveis odios,
 Que ferem rudemente a sociedade.

Todo o contraste as sensações irrita.
 Assassinos brotar pode o deserto;
 Mas entre a chusma as sedições fermentam.
 O lobo roubador só tinge as garras
 N'alguna ovelha, que dispersa encontra,
 E uma infectada toda a grey derruba.

Delirante egoismo, insano orgulho,
 Que a publica miseria desabrocham,
 Augmentam a desgraça, elles invertem
 Da razão, que olha recta, o telescopió;
 E os objectos não vêm quaes ver deviam.
 Em chimeras somente os seus bens fundam.
 Suas grandezas são como no outono
 As seccas folhas, que despega o vento;
 Ou nevoas da manhã, que o sol do estio
 Dissipa n'um momento; o seu imperio
 Leve, e fugaz tem por garante a morte!
 Oh misera cegueira! E collocado
 Entre dois pontos, que entre si não distam,
 Nascimento, e morte, pode enfatuar-se
 O ser moral de um bem não permanente?
 Venturas basear na arêa movel?
 Nutrir-se de chimeras, e esquecer-se
 De um fim que bens lhe lega, ou destroe males?

Louco o homem com tudo, rastejando
 Debaixo aqui da lua, entregue todo
 A baixos pensamentos, vãs idéas,
 A terrenas paixões, e impios aferros,
 Não ousa erguer a frente, e olhar attento

A estructura dos Ceos, dos soes, dos mundos,
 Que em torno delle com certeza rolam.
 Nem sequer desejar saber, se a terra,
 No espaço apenas ponto apreciavel,
 E' só sua morada, se aqui fica.

Se neste turbilhão vertiginoso
 De continuas, de acerbas desavenças
 Finda a sua carreira, o seu ser todo!
 O homem para o chão propende sempre,
 Quando só nelle funda os alicerces
 De sua vã grandeza; quando erige
 Sobre elle de sua gloria os monumentos.

A lousura maior, que em todo o tempo
 Ferio o ser humano, e que inda dura,
 E' desligar da especie os individuos,
 E deixa-los correr precipitados
 A travez das idades sem que um freio
 Os dirija no alcance de um futuro.
 Qual nau sem leme, que se entrega ás ondas,
 E que tem do naufragio a sorte infausta.

Tal sempre é o fim dos miseros humanos,
 Quando o leme os não rege do Infinito
 Nos turvos mares da terrena vida.
 Removida uma vez da mente a idéa,
 Morta de todo a placida esperança
 De uma vida futura além da campa,
 O ser mortal é fardo, é triste preza
 Das vagas impressões de cada instante.
 Suas acções sem fim, sem liberdade
 Não tem pena, nem gloria; as suas vistas
 Voltadas para a terra, onde terminam,
 Não podem conceber mais vasta esfera,
 Nem mais ampla existencia; então falecem
 Desejos d'alto importe, então se enterram
 Sem um só ai celestes pensamentos.
 Mortaes de todo os homens não se elevam
 Da bruta especie acima: aqui trazendo
 Ferreos grilhões, escravos, ou tyraanos,
 Luctam por nadas, e só vence a Morte.
 Todo o triumpho é della. Escura Deusa
 De torva magestade, e bronzeo sceptro.
 Dos mortaes ella arrasta o triste espolio

Pelo meio dos seculos, e assenta,
Mostrando competir c' o a eternidade,
Seu throno vasto em perennaes ruinas.

Oh chefes das nações! Legisladores,
Que pensaes regular do mundo a sorte!
Sabei que ignaros vossos institutos

A' dita dos mortaes não corraspondem.

Vós presumis pastores ser dos povos,

Não gado povos são, e os reis são homens.

Vós, pelos erros d' ambição guiados,

Fundais no temporal vossa grandeza,

Ou ligais o infinito unicamente

A humanas pertenções, que vale o mesmo.

Nasce d'aqui a social desordem

Entre subdito, e rei discordia brota,

Cresce o mal, embravece a epidemia;

E vós cuidando reparar o damno,

Lhe augmentais meios, e entregais invitos

O vosso contingente ás mãos da morte.

Ella sem distincção fere os que dormem

Nas toscas choças, ou marmoreos tectos;

De passo igual, incognita, ou prevista,

Altos e baixos nivelados deixa.

Só na marcha differe quando assalta

Suas victimas grandes, que no feio

Seu trem de horrores lugubres distingue.

Physica morte só revolta, quando

Rompe os laços vitaes subita força.

Morte moral de horrores sempre é cheia,

Quando as passadas lhe presente o crime.

Ah! destes males grande parte é vossa,

Da falta de equilibrio, que se observa

Na humana sociedade é vossa a culpa,

Mortaes ignaros, que a firmeza pondeis

De vossas leis nas mãos do cego arbitrio,

Ou da infrene ambição nos futeis planos.

Vós do publico ensino instituidores,

Que arte, e força empregais promistivamente,

Para fazer a educação prestavel,

Levarieis ao fim vossa grande obra,

Se a especie, e os individuos distinguindo,

Desseis á natureza o que é só d' ella,

A especie ; e á sociedade os individuos ,
 Que é d'elles só composta. A natureza
 Tem d'arte limitado as faculdades.
 Curva-se o ramo , se é curvado tenro ,
 Crescido tronco não se dobra , estala.
 Os homens só no berço se melhoram ,
 Por isso a educação d'alli principios
 Para o bem social sábia ter busca.
 Rudimentos communs , geral doutrina
 Constituam as públicas escolas ,
 Onde o moral , e o physico se formem.
 Accumulados vegetaes não medram ;
 Mas cultura os ordena , e distribue.
 Tractar-se os homens de igual arte devem
 Se institutos se buscam proveitosos.

Mais que moral é physico o vivente ,
 Que brota no seu seio a Natureza
 Regular no seu curso. Aproveitar-se
 Deve por isso a infancia dos seus entes ,
 Se entes moraes , e physicos queremos ,
 Que do grande desenho aos fins respondam.

Só desenvolve o ensino interna força.
 Assim é ; isto soube a Antiguidade.
 Mas o ensino tambem tal força enfreia.
 E hoje mais illustrado este principio
 Das melhores doutrinas fórma a base ,
 Que devem ser de rumo a mocidade.
 Desprezar tal saber ; e estes principios
 Em pratica não pôr , grosseiro absurdo
 E' de todo o poder , que os homens rege.
 E' querer transtornar da vida os planos.
 E' apresentar á Morte a preza sua
 Contrafeita , immatura , ou viciada.
 E' do Grão Ser desfigurando as obras ,
 Ao cahos arrastar a especie humana.

Tal é do ser moral principio e termo
 No social estado , em que elle vive.
 Sem guarda , ou protecção , que o zele e abrigue
 Dos encontros hostis , que o ferem sempre ,
 Tem só nas suas leis castigo apenas.
 Justiça é mero sonho apar da força ,
 Que só no fraco o seu rigor exerce.

Da geral confusão no error perdidos
Os homens de tropel não marcham livres,
Do caminho direito elles se affastam.
Da fortuna o clarão fitando absortos
Seguem os passos do erro, e se deslumbram
Ao brilho de uma vã magnificencia,
De uma futil grandeza ao falso encanto.
Honras vans, de que orgulho se alimenta,
Não distinguindo o merito da inepecia,
São da humana demencia aborto esteril
Chimeras, que só préza a fatuidade.
O sorriso dos Reis, do Povo as palmas
São pela maior parte a recompensa
Do mercenario, vil charlatanismo,
Da tortuosa baixa hypocrisia,
E raras vezes da virtude o premio.

A opinião de estolidas catervas,
Que por criterio tem somente os olhos,
Apparencias só quer, não realidades.
Marcha o talento incognito, e se é visto,
Da trucolenta inveja é logo a preza.
Não ousa a sã verdade á luz mostrar-se,
E do erro as illusões dourando o fausto,
Da multidão no seio é que triumpha.
Pasma a Tontice ao vê-lo! a insania corre
Apoz o que lhe foge; e é só fantasma.

Eis das grandes Cidades o recinto,
Se o Despotismo sobre tudo as rege,
Como encerra, alimenta o mixto enorme
De imbelles cortezãos, de vulgo ignaro,
De automatica chusma, a quem não fere
Do público desastre a vista horrenda,
Mas que de novas bagatellas pasma!
Quanto physicamente mais se uniram,
Mais moralmente os homens se desunem.
Desta união funesta e monstruosa
Nasce a indolencia, que olha indifferente
As turmas d'afflicção correndo as vias,
Que a Miseria lhes abre, e que as arrasta
Para o seio da Morte! Entre os horrores
D'acerba privação vaga a penuria,
Que em desalento consternada expira

Sem ninho, que a recolha. O dia a mostra
 Nas ruas estendida. O seu cadaver.
 Os passantes nem mesmo advertir querem.
 Oh brutal indiferença! Oh miseranda
 Infausta humanidade! E de taes males
 Quem, quem te ha de curar? Se és dos teus filhos,
 Se és da mão, que te rege, abandonada,
 Que te resta a esperar? Não desesperes,
 De Talião a pena ha de vingár-te.
 Uma Justiça universal existe,
 Que excomungua, que fere o que aos clamores
 Foi surdo da gemente humanidade,
 Surdo á voz da Razão, da Natureza.
 Suas eternas leis cumprir se devem.
 Premio e castigo á tôa não ministram.
 Tem de compensações no seu systema,
 Justa, immutavel, firme economia.
 Mas o peor flagello dos humanos,
 (Releva repeti-lo a cada passo)
 Que nasce desta associação disforme,
 E' do crime a presença inevitavel.
 Do ser physico vindo elle prospera
 No seio do tumulto, onde se encobre.
 Oh Chefes das Nações, das leis authores,
 Vós o crime punis; nisso obraes justos,
 Fora porém melhor o aniquilá-lo.
 Não permittindo accumular-se os homens,
 Nem a prole nascente abandonando
 Aos caprichos paternos. Deste modo
 Não darieis á morte inutilmente,
 Ou viciado, ou prematuro pasto.
 Se pois em grupo, ou solitario leito,
 Cedo, ou tarde cedendo a seu destino
 Tudo quanto respira acabar deve:
 Se em mais fortes grilhões que o bronze duro,
 Nas mãos da morte se encadeia a vida,
 Mortaes, vosso interesse é quem vos fallia:
 Vossa attenção, e as vossas vistas devem
 Sobre as bordas do tumulo fixar-sé.
 Notemos sua entrada. — Ah que se avista
 Alli no escuro umbral, que ha de passar-se?
 Vão de igual passo todos os viventes!

Ah não! Virtude, e vicio assaz differem!

O extremo instante manifesta sempre
No ser moral preterito, e futuro.

Dos homens implacavel inimigo.

De alheio mal aos gritos insensivel

O impio, quando sente o fim chegar-se
De uma vida, que encher só quiz de horrores,

Não fica socegado; — adverso ao mundo,

Que não póde valer-lhe, e que aborrece,

Os turvos olhos, que amargura exprimem,

Mal ousa levantar. Seus pensamentos

Irados contra si, se erguem bramindo,

E com fero apparatus á lucta o chamam.

Com negras cores o que foi passado

Vivamente a memoria lhe apresenta.

O Ceo, que as suas obras refutaram,

E o seu remorso prova, está distante,

Justiça lh'o afferrolha. Elle o desdenha,

Indigno de o gozar; mas sua angustia

Não póde elle encobrir. Na lethargia

Um sardonico riso patentêa

O seu terror mental. D'um lado aberto

Escuro abismo vê, prompto a traga-lo.

D'outro lado vê furias sanguinosas

Brandindo ardentes fachos, cujo assalto

Não póde repellir. Succumbe ao peso

Do desastre, que o fere, e de horror cheio,

Nas duras garras do tormento expira.

Buscando equilibrar nos seus deveres

Sua fraca Razão c'os seus sentidos,

Attento sempre á voz da Natureza,

O Justo ao pé da sua final hora,

Do seu futuro á idéa não se assombra.

Soube injurias soffrer, supportar males,

Aggravos perdoou, foi sempre docil

D'afflicta humanidade á sympathia.

Desastres não espera; e se a incerteza,

Que só no seu demerito se funda,

Trem lhe não mostra de perpetuas glorias,

Não desespera emtanto; e, resignado,

Nas mãos de quem lh'a deu, larga a existencia.

Mortaes, chega desta arte o vosso termo.

A' lerta. Está de vós mui perto a Morte ;
De emboscada, ou prevista ha de assaltar-vos.
Não ha remedio para seus ataques.
Está pois decidido. A gloria humana
E' bem soffrer, o que evitar não póde.

FIM DO CANTO I.

JUIZO.

CANTO SEGUNDO.

*Discite Justitiam moniti, et non temnere
Divos.*

VIRG.

TRADUCÇÃO.

Ser justos buscai, e aos Ceos reverencia tende.

ARGUMENTO.

A origem do homem seria deploravel sem immortalidade. O Globo terraqueo soffreu grandes mudanças, antes de ser o seu berço. Principio do ser humano como tronco da grande arvore da vida, sendo desta os Animaes complexas ramificações. Escala da organização. Homem dotado de duas naturezas. Provas phisicas da sua alta designação. Sentido interno, criterio indestructivel da verdade. Inducções deste. Acções humanas inapreciaveis sobre a terra só podem ser julgadas além do sepulchro. Razão. Instincto. Seu antagonismo origem de crimes. Imperfeição dos codigos legislativos por falta da analyse daquelles principios. Necessaria divisão entre os crimes do Instincto, e os da Razão depravada. Como se deprava a Razão. Vícios contra a lei do Instincto, e as da Razão. Nexo entre os Reis, e os Povos pela Justiça, base da prosperidade social. Despotismo, e Democracia disputando o sceptro do Mundo. Descrição destes dous monstros. Necessidade de um governo justo para contrabalançar a sua acção. No Representativo se funda o pacto das Nações. Do contrario brota a torrente dos crimes contra as leis da Natureza. A infracção destas traz o crite-

rio para julgar daquellas. Justiça distributiva sobre a especie humana. Reis os primeiros a ser julgados. Sua responsabilidade. Sua educação anti-social, defeituosa, nunca justificavel depois da morte. Ministros da justiça corruptos. Seus crimes. Juizo sobre elles. Diplomatas fraudulentos. Horrores dos Ministros da Religião. Tyrannia mental. Condemnados os Militares, quebrando o juramento da lealdade. Os artistas do luxo. Os contractadores monopolistas.. Os Negociantes usurarios. Todos responsaveis pela violação da boa fé. Os mentirosos, os calumniadores, os ingratos, os debochados, os avarentos. Exclamação contra a insensibilidade humana sempre gradual, e nunca repentina. Juizo universal. Seus medonhos annuncios. Trans-torno e pausa da Natureza. Som da trombeta, que desperta os mortos. Juizo Supremo. Sentença final sobre os humanos. Supplica particular para o dia de Juizo. Remate.

JUIZO.

CANTO SEGUNDO.

*Discite Justitiam moniti, et non temere
Divos.*

VIRG.

TRADUÇÃO.

Ser justos buscai, e aos Ceos reverencia tende.

AI dos filhos do pó, que a terra habitam!
Devera o grito ser da prole humana;
Se as vozes da Razão perfidas fossem,
Fosse a Justiça vã, e eterna a Morte.
Mas quando a Tradição, e a Natureza
Tem a mesma linguagem, nunca enganam
As suas expressões, são da Verdade.

Mortal, para que saibas teu destino,
A tua origem sonda. Antes de seres,
O globo, alvergue teu, foi mui diverso
Do que agora se mostra; elle susteve
Grandes revoluções, grandes mudanças
(Segundo o seu interno, e face attestam.) (a)

(a) As excavações mais profundas, que se tem feito em nosso globo, e as galerias subterraneas na exploração das minas, não tem podido romper o granito, que fórmá o interior da terra. Da simples inspecção deste interior, e exterior se derivaram as duas hypotheses em Geologia, a saber: a Plutonica, e a Neptunina. A Plutonica, ou a do fogo central, explica a formação das montanhas primarias pela explosão da massa do centro para a periphéria em linha vertical. A Neptunina, ou a da agua, vartendo a superficie da terra,

Primeiro que chegasse a ser teu berço.
 Myriadas talvez d'annos passaram
 Primeiro que prolifica esta terra
 Fosse, e este ar respiravel. Houve tempo
 Em que inda tu não eras; e no espaço,
 Já de teu berço irmãos rolavam mundos.
 A tua formação principio teve.

Da vida a fertil arvore plantada
 No terreo globo foi; Tens della o tronco,
 E os mais viventes, as diversas Tribus
 Ramos da creação divergem delle,
 E para o typo antigo convergindo,
 Seu variado circulo rematam.

Do musgo, que tapiza o seixo esteril,
 Do verme, que se arrasta, até do bruto
 A' quadrupede especie, e ave que vóa,
 Dos seres animaes se fórma a escala,
 Na qual occupas o logar primeiro.
 De naturezas duas ser composto,
 Tu tens uma animal, e outra celeste,
 Cujas prerogativas te declaram
 Nuncio d'outra missão, d'outros destinos,
 Que ás infimas especies não competem.
 Tua recta figura olhando os astros
 Já parece fitar paterna dextra,
 Que de cima te acena, e que te chama
 Por lacteas vias, e brilhantes orbes
 A seguir o clarão d'outra existencia
 Diversa da terrena, em que te abismas.
 Tua voz orgão só do pensamento
 Da tua dupla portentosa essencia,
 Nas inflexões do verbo a prova exhibe.
 Teu mixto ser teu physico descobre,

mostra a formação das camadas horisontaes nas montanhas secundarias. As estampas destas escavações, e galerias se mostram no Real Instituto de Londres, onde as vi, durante o curso de Chymica pelo illustre Sir Humphry Davy; a cujas prelecções, e trabalhos de Laboratorio assisti pela espaço de quatro annos; em que pude notar as importantes descobertas, que este incansavel phylosofo fez naquelle ramo scientifico, como a metalisação dos Alcalis, e das terras; o progresso das experiencias Voltaicas, e o maravilhoso invento da Lampada apyretica, pelo meio da qual salvou a vida a centenares de obreiros nas minas do carvão de pedra, etc., etc. Na morte prematura deste sabio perdeu muito a sciencia, e a humanidade.

E teus destinos teu moral revela. (a)
 A meu sentido interno é repugnante,
 Que o todo iguale uma das suas partes.
 Que a mesma cousa exista, e não exista.
 Eis da verdade o molde indestructivel.
 Tudo o que desta sorte me repugna;
 Não pode ser verdade. Assim não posso
 Crer que o Chefe do mundo, o Author da vida
 Justo seja, e não seja: este principio
 Cumpriria admittir, se aqui na terra,
 Onde nunca justiça é praticavel,
 A existencia moral tivesse um termo.
 Fôra absurdo, e contrario á Mente eterna,
 E a todo o ser capaz de entendimento,
 Que o mal, e o bem a mesma cousa fossem,
 Vicio, e Virtude a mesma sorte houvessem.
 Não, Mortaes. Tal pensar delirio fôra,
 Excedera a do cahos esta idéa.
 Vós obra sois do Braço Omnipotente,
 Que em grilhão segurissimo, invisivel
 Prendeu a vossa terra á immensa turba
 Dos vastos orbes, que no espaço rolam.
 Que o vosso ser faz ir tambem vagando
 No grande coro harmonico dos mundos,
 A encher a meta de seus grandes fados.
 De vossa vida as Leis, e a economia,
 Do poder summo o sabio plano attestam.
 Por estas leis, que eterna força exprimem,
 E' que as vossas acções julgar-se devem.
 De secreta nascente ellas dimanam;
 De internos pensamentos derivadas
 Não podem sobre a terra avaliar-se.
 Só no mundo invisivel o seu preço
 Como a sua justiça é que ter podem.
 Por isso sabiamente, oh Grecia illustre,
 Pozeste além da campá os Julgadores

(a) Uma das provas physiologica da immortalidade do homem se deriva da sua mesma lingoagem. No mecanismo dos vocabulos, chamados verbos, se nota, além das designações que exprimem tempos, um modo que expressa o infinito, como elemento da palavra, seu dom essencial; assim como é prova anatomica da sua forma erecta, e vertical n'um plano a inserção dos musculos femoraes, como demonstrou Tyson, anatomico inglez.

Dos pallidos humanos. Sobre a terra
 Não só se não conhece a pravidade
 De intenções criminaes, mas mesmo a força
 D'um claro proceder pervertem sempre
 Interesses, paixões, parcialidades.

Julgar pois os humanos é preciso,
 Porque valha o juizo, além da campa.
 Passo por tanto o escuro umbral, que guia
 Direito á Eternidade; e d'alli vejo,
 Melhor; os olhos para traz voltando,
 Quem da vida actual leis atropella,
 Como, e onde existe a recompensa, a pena.

Uma especie, e individuos sobranceiros
 Aos outros animaes nós homens noto;
 Do Instincto, e da Razão deviso a marcha,
 Que nelles á porfia imperam sempre.
 No individuo a Razão, na especie o Instincto
 Tem seu proprio lugar, são contrapostos.
 Se aquella é florecente, este outro murcha,
 E n'um perfeito antagonismo existem.
 Deprava-se a Razão ficando inculta,
 Pela cultura o Instincto se vicia.

D'aqui os crimes dos humanos Seres.
 Crimes da especie, crimes do individuo
 Formam pois o catalogo tremendo
 Das acções, que punir justiça deve,
 Mas que não tem na terra o proprio nome.

D'aqui a confusão, Legisladores,
 Que dentro em vossos Codigos se encerra.
 Jámais foi pena equivalente ao crime;
 Nem fôra isso possivel sobre a terra.
 Por isso outra a morada é da justiça,
 Não claras são dos crimes estas fontes,
 E cumpre a humanas leis não confundidas.

Os delictos da especie vem do Instincto
 Viciado, ou corrupto apar do exemplo.
 Assim nos homens, que este Instincto guia
 Vingança, odio, ciume, e fanatismo
 Tem da fibra animal o infausto molde.
 Ambição, a Soberba, a Tyrannia,
 Da razão pervertida o cunho ostentam.
 Amar, e aborrecer, que Instincto ordena.

Quando falta a Razão, delictos geram.
Da mesma arte o aggravado reagindo
Compete á natureza; o zelo insano,
O furor d'uma crença, ordens são d'ella.

No eclipse da Razão c'o trem funesto
Dos attentados seus, dos seus horrores
A ferrenha Ambição levanta a frente,
As furias infernaes do seio espalha,
E a paz, e o somno do Universo altera.

Sostida sobre o vão de seus fantasmas,
Qual de Nabuco a quebradiça Estatua,
Se ergue a louca Soberba; em seus delirios
Se intumece, se abate; e ás plantas rudes
A desvalida humanidade calca.

Não menos pavoroso aborto do erro,
Que dos estragos da Razão se nutre,
Cubiçoso de sangue, avaro de ouro
De seu iniquo mando entre os terrores
Empunha o sceptro ardente o Despotismo,
E mais rudes que a morte alça flagellos,
Com que ameaça a escravidão do mundo.

Eis da justiça desatado o enigma,
Que se occulta aos amortaes, e o Ceo revela.
Punir, e premiar campre á justiça.

Da especie crimes ella branda absolve.

Os do individuo fere inexoravel.

Da consciencia pois no attento exame
Devo das culpas indagar a origem.
Fiz o mal por vontade, ou compellido?
Se o fiz, obra é só minha; involuntario
Da natureza é fructo. E como pode
Viciar-se a Razão? Bem como os fructos
Das arvores, que deixa a incuria agrestes.
Vicia-se a Razão, quando as idéas
De seu proprio interesse o ser pensante
Não quer examinar, e arraigar deixa
No peito o atroz, o barbaro desejo
De obter só bens, que a muitos pertenciam.
De assoberbar seu proprio semelhante,
E perturbar a social ventura,
Quebrando da união fraterna os laços.
Vicia-se a Razão, quando esquecido

O ser humano do seu fim sublime,
 Da morte que seu fado elle ser sabe,
 Todo se engolfa em temporaes deleites;
 Folga só de caducas prepotencias,
 E d'um porvir sem termo os bens despreza.
 Vicia-se a Razão, se arrebatada
 Do tropel das paixões qual náu vaguea
 Quebrado o leme, á discipção das ondas,
 Se de vãs illusões, fatuas grandezas
 Deslumbrada ao fulgor, segue as chymeras
 Da corruptora, perfida fortuna.
 Ou se deixa cegar do jugo insano
 Da enfunada, da esplendida cubiça
 De reger os mortaes. Quantos desastres
 Aos homens traz o crime d'um só homem!

Vós flagellos da terra, oh celebrados
 Conquistadores, que o universo admira,
 Que illusão vossos feitos acompanha!
 Heroes vos chama o vulgo; e as leis eternas
 Vos punem réos de leza humanidade.
 A' mente impondo da ignorante chusma
 Vós apagaes os faxos luminosos
 Da sublime razão com torpes ferros.
 Que attentados então, que atrocidades
 Se comettem na terra! Humanos odios
 De familia a familia transmittidos
 Intrigas urdem, guerras alimentam.

Por outra parte respirando furias
 A Vingança brutal buscando a preza
 Com mascara, ou sem ella, os golpes vibra
 Na raiva tygre, mais feroz que a hyena.
 O Ciume cruel do instincto filho
 Aborrece, delira, ou desespera.
 Rivaes não poupa o seu primeiro impulso,
 O objecto, que ama, ataca em seus delirios
 E exasperado contra si bramindo
 A si proprio se fere. O Fanatismo
 Na chama ardendo de Tartareo lume,
 Qual torrente, que inunda, e assola campos,
 Collectivo arrastando as grandes massas
 As iras ceva em borbotões de sangue.
 Peccam os homens contra as leis do instincto

Quando sem tento a sua acção promovem.
 A gula cresce mais quando a cultivam.
 A ira a que se indulge mais se accende;
 E quanto mais se exerce arde a luxuria.
 Todo o excesso é contrario á natureza,
 Que só saude outorga á temperança.

Miseraveis mortaes, se a voz seguisseis
 Da prudente razão, quantos desastres
 Quantas perturbações evitariéis!
 Mas vossa educação, vossos governos
 Dos fins da natureza vos affastam.
 Recebendo impressões, não prevenidos,
 Vos deixaes ir apoz um cego impulso,
 Engana-vos a vista; e falsas côres
 Para objectos nocentes vos empuxam.
 Um luxo corruptor, que a mente cega,
 No erro incorrecto da visão se funda;
 Illudé a perspectiva ignaros olhos
 Um falso brilho a multidão deslumbra.

Mas nos erros do instincto a razão pode
 Ser só farol seguro. E se ella cede,
 Se esmorece, ou se morre? Oh negro agouro!
 Tristes então de nós! Qual náu sem guia,
 Naufragio certo em turvo mar teremos.
 Sem ter seguro apoio a sociedade,
 Que só sustentam da razão dictames
 No abismo se despenha do infortunio.

Que triste alternativa! Os homens peccam
 Contra as leis da razão, quando sem freio
 Que as cohiba, ou dirija, as paixões deixam.
 Deixam sem freio o arbitrio que os governa.
 D'aquí a lucta vem contra os costumes,
 Que mui cedo deprava o feio exemplo.
 Vem a lucta maligna, e desolante
 Contra o jus das Nações, e as leis do sceptro
 Reis não prosperam, se definham povos.
 No bem geral se funda a sua gloria,
 De regente, e regidos este o nexo.
 Seus oppostos poderes se equilibram
 No imperio da razão, d'onde o bem nasce,
 Que a justiça confere; e que sustenta,
 E que por ella bem geral se torna.

Na economia pois da Natureza
 E' que deve fundar-se a dos governos.
 Porém Democracia, e Despotismo
 Tem assumido o sceptra do Universo.
 Da sede de mandar trazendo a origem
 Estes dous monstros com feições diversas
 Ao mesmo fim por vario trilho marcham.

O Despotismo de potencia avaro,
 Dragão d'uma só frente encrespa a cauda
 De ignivomas serpentes; e derrama
 Do bafo peçonhento estygia peste,
 Com que da vida as fontes envenena.
 Desseca as plantas, despoeva a terra,
 E só entre cadaveres pastea.

Elle é da sociedade o voraz cancro,
 Qué de seu sangue nunca farto a esgota.

Em veos purpureos escondendo as garras,
 Que arde por ensopar em sangue humano,
 Horrenda féra! As multiplas cabeças
 Ergue a Democracia, e rastejando
 Finge a preza beijar, que engulir busca,
 E o collo alçando, as viboras sacode,
 Que em viveiro alimenta entre as madeixas.

Ella o vulto hediondo enternecendo
 O Crocodilo das Nações se ostenta.
 Da Razão depravada ambos abôrto,
 O solio fitam, que subir procuram.
 E uma a fraude, outro a força, ambos a peita
 Para alcançar seus fins continuo empregam.

Estes os tristes, e mais feios monstros,
 Que as sanctas fórmãs do governo assumem,
 Com que assolam da terra os habitantes.

A Justiça, a Razão, que elles combatem
 Na lucta desigual definham, morrem.

E' geral a molestia: em seus excessos
 Delira o Throno; os povos se' enfurecem.
 Para o fóco apagar desta desordem

E' preciso acordar os Reis, e os povos,
 E no seu poder justo equilibra-los.

D'aqui Nações, e Reis tem proprios orgãos,
 Que o reciproco pacto representam;
 E seus mutuos deveres afixam.

D'aqui nasce das leis o nobre officio,
 E seu puro exercicio em seus Ministros.
 D'aqui só podem resultar melhoras
 A' corrompida especie. Do contrario,
 Ou de modo diverso em governa-la,
 E' que dos crimes a torrente brota
 Contra Instincto, e Razão, que o vicio altera,
 E que da Natureza as leis infringe.

Da infracção destas leis nasce o criterio
 Da pravedade dos humanos feitos,
 Que elle deve julgar; e eu seu Ministro.
 Vou citar os mortaes ante o supremo
 Tribunal da Razão. Soe o meu brado
 Por toda a redondeza, e nos ouvidos
 Retumbe, qual trovão, que abala os montes.

Oh filhos da poeira! Oh prole humana!
 Vosso termo é chegado; aproximai-vos.
 Justiça eterna tem de mim fiado
 A balança fiel, que pesar deve
 Vossas acções, palavras, pensamentos.
 Não me demoro mais. Vou já passar-vos
 A sentença final, que no futuro
 Marcar de vosso estado ha de os destinos.

Quem sois vós, que de funebre apparatus,
 De mentirosa pompa precedidos
 A campa atravessais? Que impia toucura,
 Que sordida illusão vos acompanha?
 Cuidaes vós que essa pompa, esses adornos
 Cubram ruinas, de que sois authores?
 Que escondam pavorosos attentados,
 Que perpetrado haveis sobre os humanos?
 Oh cegueira fatal! Vós, quando muito,
 A purpura lançaes sobre o cadaver,
 Que vivos devorou quando era vivo.
 Não vos encobrem do sepulchro as sombras,
 Oh nobres chefes do poder supremo.
 Vós impunes com perfida ousadia
 Pensastes illudir fraternos laços,
 Da Natureza as puras leis quebrando.
 Justiça aqui suprema vos confunde.
 Vós pagareis, á paga responsaveis,
 Os crimes das Nações, e os vossos crimes.

Misera sorte! Infausta preeminencia!
 Que estranha condição! Cercados sempre
 De conselheiros nominaes, de imbelles
 De reptis cortezãos, de aduladores,
 De criados venaes, yis parasitas,
 De famintos zangões, de sanguesugas
 Que os bens do estado sequiosos sorvem,
 Mal podereis formar justo conceito
 Da especie que regeis, e enfatuados
 Pela voz da lisonja a toda a parte
 Seguidos sois da perfida mentira.
 Foge de vós cofando a probidade
 Não quer ser com desprezo envilecida,
 Só vil despejo vos aborda affeito.
 A vossa educação vos põe distantes
 Do commercio dos homens. Se sois homens,
 Com elles não vos prende a natureza.
 O vosso mesmo alvergue é defendido
 De austeros guardas, que em silencio vendem
 A credulos, a tristes pertendentes
 D'antecamera a espera longa, e inutil.
 Vossos prazeres, ai! são mesmo estereis
 Sem gozo social. Vossos recreios
 Até barbaros são. Caçando as feras,
 Caçando os animaes, vos fazeis rudes.
 Que a nimia acção do externo o interno embota,
 E de matar o gosto brutaliza.

No meio destes asperos abrolhos
 Destes duros grilhões que vos sopeam,
 Como podeis ser Reis, e ser humanos?
 E' difficil a empreza, é duro o encargo,
 Onde a verdade raras vezes chega.
 Tal é de vossa historia o triste esboço!
 Tal dé vossos erros a nascente!
 Vingár deve o castigo estes desastres,
 E equilibra-los em fiel balança.
 Assim dos Ceos justiça inexoravel
 Fatuos filhos do pó, grosseiro aborto
 De baixeza, e de orgulho, ha de punir-vos.
 Horror se deve a horror, e a horrendos feitos
 Horrenda eternidade corresponde.
 Não pode a tantos crimes a negrura

O Céu mesmo apagar. Nem pode a Morte
Desfazer os painéis, que ella aviventa.

Eis-aqui, rude ignaro Despotismo
Eis, tyrana ambição, que eternidade
Medonha vos espera. As vossas obras
Bem como os vossos subversivos planos,
Que reprova a Razão, tal sorte aguardam.
Debalde presumis e'o sceptro rude,
Que vos pende das mãos, ralar os povos,
Subverter as nações, porque não fique
Nem uma livre pulsação na terra.
Vosso anathema está dentro em vós mesmos.
Na pallidez do timido remorso,
Ou no duro rancor da impenitencia,
Ouvireis o pregão da eternidade,
Que já da especie humana vos expulsa,
E vos proscreeve como iniquos monstros.
Não pode a Morte expiar vossos horrores,
De horror immenso abysmo ha de cobrir-vos.

Pois que direi de vós, falsos ministros,
Que das leis exercendo o nobre emprego
Por ouro corruptor, por vis fraquezas
A justiça vendeis, e o juz alheio
Trocaes impunemente. Oh feio opprobrio!
Que escandalo maior dar pode o crime?

Vós não só cometteis do furto a culpa,
(Desdouro atroz da humana dignidade)
Mesmo á sombra da lei que vos protege,
Que provada inteireza em vós contempla;
Mas da verdade suffocando as vozes
(Feio insulto das leis á sanctidade)
Tornaes sonho a Razão, mofa a Justiça.

Não pode sobre a terra achar-se pena.
Que a tal perversidade corresponda.
Por isso só no eterno... Ah! mas que digo?
Não basta a execração a tanto ultraje,
E' preciso evita-lo, ou confundi-lo.
Quanto mais nobre o emprego, mais conspicuos
Se tornam d'elle os reos. Cumpre risca-los
Das paginas da vida, e da memoria,
Porque não contamine o feio exemplo,
D'epidemicó influxo, a sociedade.

Tambem na confusão ficareis d'estes,
 Vós, oh servos reptis da Prepotencia,
 Corruptos Diplomatas fraudulentos,
 Que immolais do dinheiro á sede ardente
 De vossa patria as forças servidouras,
 Os bens, e os povos de terreno alheio,
 Ou por condescender c'o a tyrannia
 As vidas lhe entregais, que ella vos pede.

Santa Religião, que impios horrores
 Vossos Ministros de igual arte exercem!
 Ignorancia, malicia, hypocrisia
 São os meios fataes, que os alienam
 De vosso puro, e santo ministerio.

A ignorancia laical dos Sacerdotes,
 Que deviam saber do officio sacro
 As sublimes funcções, desconhecendo
 Dos homens os mais nobres interesses,
 Interesses eternos, cinge, abraça
 Torpes profanações, grosseiros erros
 Por verdades, que prega, e que cimenta
 Da inculca multidão no seio ignaro.

Por outra parte a clerical malicia
 Da fraude, que conhece, o poder nutre
 Nas rudes mentes da caterva abjecta,
 E só riquezas temporaes fitando
 Trafica co'as do Ceo por bens terrenos,
 E da crença do povo á sombra folga.

Do falso Sacerdote a hypocrisia,
 Peor que a da politica, encobrimdo
 De perfidas tenções o atroz veneno,
 Por subir de seu culto ás dignidades,
 Finge virtudes, que despreza, e odêa.
 Do ouro, da intriga a ingente força emprega
 Para os secretos fins, que ardente busca;
 E se, para firmar sagrado embuste,
 Cumpre rios verter de sangue humano,
 Com desprezo do sceptro, e horror dos povos,
 Levanta tribunaes sanguinolentos,
 Que as puras vozes da Razão suffocam,
 E a humanidade na tortura ralam.

Oh tyrannos da mente! Os vossos crimes
 Quem póde avaliar? Na eternidade,

D'onde houveram principio, é que se julgam.

O exterminio da terra, que os seus filhos

Só vos podem fazer, castigo é leve

Para attentados de negrura eterna.

Tremei pois da sentença pavorosa,

Que vos espera; ou antes, se inda é tempo,

Recuai, recuai do atroz systema,

Com que o proprio interesse vos illude.

Attendei á Razão, e á Natureza,

Que uma ignora mentir, e é docil outra,

E ambas para a virtude hão de guiar-vos.

Nem vós, oh chefes dos armados corpos

Que a patria defendeis, e a patria nutre,

Podereis escapar da Eternidade

Ao Juizo final, se a fé quebrando

Faltardes aos sagrados juramentos,

Da devida lealdade. Oh vós artistas,

De um luxo corruptor mantenedores,

Por vossas invenções, vosso arteficio

Da lei fundamental, devidamente

Tambem pagos sereis. Contractadores,

Que monopolisae os bens do Estado,

Qual deve ser a vossa recompensa,

Quando, para fazer vossa medrança,

Traficaes sobre a publica desgraça!

Mercadores, tambem vos chamo a contas

Quando falsificaes vossa fazenda

Ou não pondes um termo a vossos ganhos.

Todos no seu estado, e seus officios

Infelizmente imperdoaveis peccam.

Quando a fé social sem pejo illudem.

Quando a cavillação, e a vil mentira

De seus buscados fins no alcance empregam.

Os que imprimem labeos, ferretes, manchas

De honestos Cidadãos nos claros nomes,

Suas acções, e merito infamando,

Ou seus rectos designios invertendo.

Os que surdos á voz do mesmo Instincto,

Insensíveis a havidos beneficios,

Contra a mão bemfeitora se revoltam.

Aquelles, que no fausto, e na molleza,

Entregues ás delicias dos sentidos.

Passam o tempo embrutecendo a vida
De seus proprios deveres olvidados.

E aquelles que já bronze aos ais, e ao pranto
Da triste desventura, da indigencia
A' sua vista acerba indifferentes
Nem se quer por benefico systemae
Abrem d'ella em soccorro as mãos avaras
Officios prestam, que prestar podiam.

Oh sordida indolencia! Oh desabrida
Mesquinhez de Mortaes! A que impio extremo;
A que marcha se deve essa crueza?
Não perde assim depressa o ser humano
Sensível aptidão, mas longo vicio,
Torpeza habitual caloso o tornam.
Os delirios da mente o Ceo perdoa,
Corrupção della perdoar não pode.

Juizo parcial, sentença extrema
Vos hei dado, oh Mortaes. Procedo agora
Ao vosso universal de vós não longe,
E que á dada sentença adverso é nunca.

Dos seculos tranponho o immenso golfão,
Cujas ondas a par da Eternidade,
São como as vibrações, com que descreve
A pendula movente alguns minutos.

Eis do dia final, que ao sol foi dado
Mostrar sua face á terra, o fero annuncio.
Mais inda algumas rotações dos orbes,
Que giram pelo espaço, (A Natureza
Bem como a tradição nisto concordam.)
Eis se transtorna a mole do universo.
Sua acção retirando a mão que a rege,
Ou dando novo impulso ás grandes massas,
Soltos de suas orbitas os mundos
N'um conflicto geral, do antigo cahos
O estado ameaçando; os alicerces
De uma vida precaria hão de alluir-se.
Da limitada, organica existencia
Ha de o termo chegar. Cumpre espera-lo
Mortaes, com segurança, e com certeza,
Na fé tranquillos, firmes na esperança.

Do Juizo final chega o momento.
Pavorosos signaes o precederam.

Na geral convulsão da Natureza,
 Desmaiados os Astros não reluzem.
 Turva-se o sol, assombram-se os Planetas.
 Feras oscillações vertiginosas,
 A que responde universal gemido,
 A terra abalam, que em volcão se torna;
 E tudo, o que tem vida devorando,
 Em lava se converte, e ardente cinza.
 A' lucta universal dos elementos
 Succede curta e temerosa pausa.
 Logo d'estranha tuba o som retumba,
 Que assombra a Morte, e a Natureza espanta.
 N'um throno então de incognitos luzeiros,
 Cujó clarão penetra o mesmo abismo,
 E faz vêr pensamentos, apparece
 O Supremo Juiz da especie humana.
 Uma voz forte ás regiões da terra
 Faz ouvir estes rigidos accents.

» Vinde a juizo, oh filhos da poeira,
 » Que morastes na terra!!» N'um momento
 De expectação tremendo, e de anciedade
 Todas as gerações juntas se mostram
 Perante o Julgador. —» Dei-vos o molde
 » De vosso proceder na Razão rectá,
 » Vós por vossa vontade o desfizestes.
 » Soffri; consolações me recusastes;
 » Irritastes até meu soffrimento,
 » Minhas necessidades não remistes;
 » Do poder, que vos dei, fazendo abuso.
 » Aos pés calcastes leis da Natureza,
 » Que em vão fraternisar vos ordenaram.
 » Do ultraje sobre a especie a mim só feito,
 » Hei de vingar por tanto os attentados.
 » Ide, malditos, para os tenebrosos
 » Logares, que perpetuo horror habita,
 » E onde o castigo os crimes equilibra.
 » Longe, longe de mim.» Voltando á dextra
 A seus eleitos diz —» Vós approvados
 » Pelo Ceo, que vê tudo, vós remidos
 » Por mim, e pela dôr de vossas culpas,
 » Que gemestes comigo, e perdoastes,
 » A quem vos offendeu, comigo vinde

" O premio receber dos sacrificios,
 " D'esforços, que haveis feita a bem dos outros.
 " Vinde gozar dos Ceos na beatitude,
 " A dita perennal da minha gloria. "

Senhor, ah Deos clemente! Oh Deos eterno!
 Dos mundos creador, pai dos humanos,
 Quando o tremendo instante a mim se chegue,
 Em que a vosso juizo eu subir deva,
 Lembrai-vos do meu pó, perdoai culpas,
 Que d'um caduco ser principio houveram.
 De fraco entendimento absolvei cegos
 Erros, e sensaçõs, que hão sido crimes;
 Porque affoita as seguio sempre a vontade.
 Perdoai-me, Senhor; pequei; confesso
 Que ousado quebrantei vossos preceitos.
 A expiar minha falta, eis-me aqui prompto,
 Pelo pezar, e resignada Morte,
 Que provar em fim devo. E se ao pé della
 Tremer minha fraqueza; e se da vossa
 Bondade paternal, Justiça eterna,
 Duvidando hesitar, d'aqui protesto
 Não ser meu tal querer n'esse momento.

Senhor, vós conheceis as vossas obras.
 Um átomo pesaes, pesaes um mundo.
 Vosso poder invoco; em vós confio.
 Se me olhaes compassivo aquelle instante
 Não serei confundido eternamente.

Mortaes, nosso Juizo derradeiro
 Vai abrir-nos a campa. Elle não tarda.
 Cumpre promptos estar para espera-lo.
 Não nos encontre desaparecidos:
 A sentença final da Eternidade.

FIM DO CANTO II.

INFERNO.

CANTO TERCEIRO.

Pallentes umbras Erebi, noetemque profundam.
VIRG.

TRADUCCÃO.

As negras sombras do Erebo, e da noite profunda.

ARGUMENTO.

Sombras do Sepulchro aclaradas pelo facho da Razão. Dous caminhos passam por elle, parca boa ou má Eternidade. Atheismo, aborto das paixões desordenadas. Sua atrocidade no Throno. Sua variação criminosa nos grandes, nos pequenos, nos Chefes de familia, nos Magistrados, e nos Sacerdotes. Sua pessima influencia na sociedade em geral. Com erudição subversivo de toda a ordem. Inferno mythologico. Seus emblemas, seus grupos explicados. Inferno dos Christãos. Seu ideal philosophico. Seu reinado debaixo da triple liga da ambição, tyrannia, impiedade. Arbitrio da ambição. Sua injustiça, seus rigores, e espoliação devoradora. Sua corrupção, e ferocidade. Seus males. Consternação geral debaixo do seu influxo. Unida á impiedade origina a ignorancia systematica do Sacerdocio. Desabrocha o salteamento, e assassinato, e toda a especie de prostituição, e de immoralidade. No seu imperio reinam as sedições, o charlatanismo, as guerras civis, e entusiasticas revoluções, que depravam o homem; e tornam a terra imagem do Inferno. Origem da tyrannia. Sceptro do despotismo. Mansão da impiedade. Suas abominações, e horrores. Presença do Inferno no coração do máo. Remate.

INFERNO.

CANTO TERCEIRO.

Pallentes umbras Erebi, noctemque profundam.
VIRG.

TRADUÇÃO.

As negras sombras do Erebo, e da noite profunda.

Pousa sobre o sepulchro escura Noite,
Alli da terra as gerações se abismaem,
Alli se acabam da grandeza humana
As loucas pertençações, e vão adornos;
E aos cegos olhos dos mortaes ignaros
Tudo alli confundir parece a Morte.
Mas se a luz da razão lhe aclara as sombras,
Dous caminhos oppostos se apercebem,
Que lhe cruzam o seio, e d'alli param,
Um na morada do perpetuo lucto,
Outro nas regiões da eterna gloria.
Principiam com tudo estes caminhos
Cá no imperio da vida; e com certeza
Quaes partem do começo a seu fim chegam.
Divagando porém com passo errante
Por elles os mortaes se encontram, luctam,
E do recto caminho se desviam;
Pelo turvo escabroso incertos marcham,
E d'aurora da vida ás trevas correm.
” Inferno, Ceos, um Deos, justiça eterna
São meros sonhos da fraqueza humana. ”

Assim diz a Impiedade, aborto horrendo
 Das furentes paixões, que a mente arrastam,
 Que nos verdores da saúde habita.
 Monstro bifrente! Ella procrea os males,
 De que nega a existencia; e no remorso,
 Que lhe embota por fim do crime a audacia,
 Presente a confusão do lucto eterno,
 Que além da campa sem regresso a espera.

No seio dos mortaes como dormente
 (Qual entre flores venenosa serpe)
 Jaz ao principio em lugubre repouso
 De insomnios, pesadellos agitada;
 Nos sensuaes deleites se acalenta;
 De nunca extincta renovada gula
 No pasto corruptor se engolfa, e nutre.
 Vigorada ao depois deixa os externos
 Sentidos, onde berço, e engodo tinha,
 E no interno se enrosca; os seus venenos
 Atrós alli derrama, accende as furias
 D'ambição dira, acerbo despotismo,
 E a vida cobre de Tartareas côres.

Na purpura envolvida, ella o pesado
 Sceptro empunhando, que flagellos vibra,
 Sobre um throno se assenta de horror cheio.
 Surda ao remorso, desdenhando pragas,
 A opinião geral menoscabando,
 De um Ceo moteja, que os mortaes pregoam.
 Dos bens alheios cubiçosa, avara,
 De ventura incapaz, não soffre a d'outrem.
 Da Razão, da Verdade ás luzes cega,
 Despreza mesmo as decisões supremas,
 Que atterram os tyrannos, que a semelham.
 Funesta inconsequencia! Horrendo mixto
 De vís contradicções, d'audacia torpe!
 Ella ameaça a intrepida virtude,
 E treme das visões, que o medo acorda.
 Cuida vêr sobre a frente aguda espada
 Pender-lhe de continuo, e até da mesa
 A melhor iguaria envenenar-lhe.
 Para tranquillizar-se em seus temores,
 Implora a protecção de alheia crença.
 Nunca farta de gozo, e de prazeres

A impotencia maldiz da enfermidade,
 Da misera velhice: e delirante,
 Da humanidade aos gritos insensivel,
 Só da innocencia ás victimas alegre
 De si em torno a solidão creando,
 Quizera nos seus ultimos arrancos,
 De um golpe aniquillar todo o vivente.

Mais variada que Proteo nas fórmas
 Do individuo, onde reina, adopta os gestos.
 No grande da grandeza os tons empresta,
 Mas seu interno hypocrita disfarça,
 Se apparente bondade o externo doura.
 No pequeno o character lhe vicia,
 Soprando, lhe a vaidosa intumescencia.
 Mais acerba porém se manifesta,
 Se nos pais de familia exerce o imperio.
 Aqui, misero estado! Ella se nutre
 De impostura, de fraude; e do consorcio
 A pureza converte em servil feudo.
 Do zelo paternal tornando a essencia
 Na fria ostentação de escrava usança
 Do filial amor perverte a origem.
 Tomando então por livre tolerancia,
 Cega predilecção, torpe desleixo,
 Fomenta no seu seio a rebeldia.

D'aqui vís dissenções, baixas contendas,
 Prostituições, incestos, adulterios
 As familias perturbam. Que infortunios,
 Que attentados a especie então desfeiam!

Debaixo do atro influxo o Magistrado
 Não sente ardor algum pela justiça;
 A fome só do lucro é que o compelle,
 A penna lhe dirige, as mãos lhe fecha,
 E o direito, em que pleita, a furto vende.
 Debaixo do atro influxo o Sacerdote
 Affectando no gesto a sizudeza,
 Que as acções em segredo lhe desmentem,
 Nos peitos bate pelos dons da sorte,
 E d'um Ceo, que não busca, os bens avilta.
 Debaixo da atheistica influencia,
 C'os olhos baixos, com sombrios rostos
 Marcham sempre os mortaes. De bens terrenos

Enruga as frentes o voraz cuidado,
 O vôo atalha ás nobres esperanças,
 D'um futuro melhor. Morre a alegria,
 Que sorri sobre os labios da innocencia.
 Abrem-se as fontes da tristeza ignobil.
 Da grata convivência as sans delicias
 Em frieza monótona se tornam.
 Do ocio a insipidez deslumbra os dias,
 E o phrenesi do jogo abufa as noites.
 Tem d'amargura as phases o trabalho,
 E os prazeres da vida, quando muito,
 Da fome, ou sede extincta os traços mostram.
 O mesmo amor, que os peitos tanto exalta.
 Germe d'alta virtude, e heroicidade,
 C'o as precisões grosseiras se confunde.
 Daquella especie é só do somno, ou fome,
 Instrumento servil da prole apenas.

Ao talento, á instrucção junta a Impiedade,
 Faz estragos fataes sobre os humanos.
 Não contente da publica miseria,
 Dos desastres communs, que a especie ralam,
 Trabalha surdamente em destrui-la.
 Principios da Razão desfigurando,
 As leis da Natureza habil inverte.
 E horrífico veneno em taças d'ouro,
 Ministra alegre por celeste nectar.
 Ao erro dá linguagem feitiçeira,
 E ornando typographicas mentiras,
 Ao dia traz alluvião de males,
 De incognita nascente derivados.
 Novo commercio inficiona as terras;
 Nas classes litteratas, e altas classes,
 Com illusoria tez da novidade,
 Suas drogas se compram clandestinas,
 E com furtivo empenho se propagam.
 Monta as ferradas náus a peste occulta,
 E é transportada em paginas infectas,
 Sobre as azas do vento aos fins do mundo.

Debaixo deste jugo em duros ferros
 Calosa, a estropeada humanidade
 Não ouve mais as leis da Natureza,
 No seu seio succumbe, e é de pavores

N'um terrível abysmo em fim submersa.
 Para traçar do Inferno a viva imagem,
 Mythologica historia; eu não careço
 De teus habeis pinceis, sensíveis tintas.
 Tuas ficções, que o toque humano expressam,
 São todavia emblemas da verdade:
 Assim quando contemplo os teus horrores
 Nas labaredas do Tartareo fogo
 Noto a perenne acção d'este elemento,
 A' punição dos Impios destinado.
 D'aqui os Rios infernaes dimanam.
 No livido clarão do Stygio lago,
 Onde se ateia enxofre inextinguível,
 Que da Erebrica noite afeia as sombras
 Aos mortaes, e immortaes d'aspecto horrendo,
 Vejo o tormento reservado aos crimes
 De medonha negrura. Expresso ostentam
 As roucas ondas d'Acheronte avaro,
 O tropel das paixões; e a furia d'ellas
 D'ignea torrente Phlagnetonte exprime.
 Nas tardas aguas do Cocyto, escuro
 Ouço as lamentações do pranto eterno.
 Do recinto infernal nos feios grupos
 Do humano ser depravações deviso,
 Que em sua enormidade a pena igualam.
 Vejo no Abutre, que voraz pastea,
 As entranhas de Ticio renovadas,
 O furor d'ambição sempre crescente,
 A não domada, chronica hepattytes
 De embriagantes liquidos gerada.
 De Tantalo na sede a da cubiça,
 Que á vista do alimento appetecido,
 E que lhe escapa, mais e mais se accende.
 Sysiphø d'alto monte o seixo enorme
 Largando, e carregando aos lassos hombros,
 Mostra a contradicção, e acerba lucta
 Da impiedade, e das credulas inepcias,
 Superstições, que abraça, e que repelle.
 As Gorgónas, Cerastes, as Chimeras,
 As torpissimas Hydras, os Centauros,
 E os outros monstros do profundo alvergue
 São figuras dos vicios vergonhosas,

Das paixões torpes, que os mortaes degradam.

A roda de Ixion no giro eterno :

Pena, e symptoma do onanismo expressa,

A nauseante, pallida vertigem.

Remata o quadro das Tartareas fórmas

O porteiro do Inferno, o Cão trifauce,

Emblema do remórso. Os tres latidos,

Que dá das tres gargantas, representam

Na tripla voz a tripla referencia

Do presente, passado, e do futuro,

Que o negro umbral da eternidade aviva.

Da curva cimba o rigido barqueiro

De austera frente, e carregado aspecto

O longo Charonte inexoravel

Mostra a figura da justiça eterna

Os seus proprios destinos indicando

A's almas, que partindo, a terra deixam.

Eis o esboço fiel, bem que imperfeito

Do Barathro fatal, que a phantasia

Soube idear d'Antiguidade illustre,

Dando á verdade côres, que mostrassem

Ao vulgo ignaro as penas do profundo.

O Inferno dos Christãos é mais abstracto.

De sempiterno horror lugubre estancia

De convulso stridor triste Gehena

Aos olhos pouco diz, diz tudo á mente :

Não pinta todavia esses logares

Montão confuso de elementos diros :

De cega natureza obras informes,

Do rude Cahos pavoroso aborto,

Sem o toque da dextra omnipotente,

Morada só de espiritos perversos,

Onde a paz, e o repouso jámais chegam.

Pouso de confusão, de espanto, e lucto,

Onde uma eternidade encerrá os Impios

Longe de Deus, vazios de esperanças,

Regiões d'amargura, infaustas sombras,

Onde a morte é vivente, e a vida expira.

Mortal pinoel traçar não póde ao justo

Idéa de uma tal Eternidade,

A cujas bordas treme espavorida,

Recúa a mente, e o coração se atterra.

Taes horrores com tudo aqui começam
 No imperio d'Ambição, da Tyrannia,
 E da cega Impiedade. Infernal liga!
 Dão-se as mãos quasi sempre estes tres monstros.
 Ambição quer reinar, poder só fita;
 Seu ferreo sceptro armado de egoismo,
 O pacto das nações, e o jus quebrando,
 Impõe silencio á lei, que os crimes pune,
 E ferindo os mortaes de assombro, e medo,
 Sua vontade ser direito indica.
 Rude alkoz da virtude, e da innocencia
 Não soffre da verdade as sacras vozes.
 E' do arbitrio Ambição sectaria sempre,
 Tyrannica por genio, cubiçosa,
 Por character injusta, o mando excelso,
 Em que não quer partilha, assume avara.
 Projectando inquieta engrandecer-se,
 Marcha á frente d'exercitos guerreiros,
 E leva a toda a parte o estrago, a perda;
 Ou, de insidias armada, e de chimeras,
 Os povos atraíçoa; e no exterminio
 Delles folgando, solitaria reina.
 Tudo quanto contrasta os seus dictames,
 Condemna altiva, ou rabida persegue.
 Não deixa livre á voz, nem livre á mente
 A palavra, o pensar; só quer escravos,
 Que os seus decretos cegamente adorem.
 E se não tem poder, com que subjugue
 A idéa, o coração; no terror folga,
 Com que do seu dominio a esphera assombra.
 Debaixo do seu sceptro desabrido
 Não tem fóros, nem guarda a humanidade.
 Ambição do sedento despotismo
 Inseparavel socia, em taxas duras
 Posturas torpes expolía, perde
 Dos vassallos os bens, despe os seus lares;
 Não paga mesmo aos braços servidores
 De seu violento estado: inermes deixa,
 Deixa sem pão seus miseros esteios;
 E minorando a industria, a agricultura,
 Da subsistencia os meios apouquenta.
 D'aqui os males da geral pobreza,

D'aqui rebentam da miseria as fontes,
 Da hypocrisia a mascara trajando,
 Passeia a Corrupção com garbo honesto,
 E as classes todas atacando impune
 A santidade da moral perverte.
 Compram-se pleitos a venaes Ministros,
 Compram-se honras, que ao merito se devem ;
 E até se compram virginaes purezas.
 Pagam só formosura os dons da sorte.
 E' tudo preza do ouro, e seu triumpho ;
 E as mãos avaras, prodigas d'este ouro,
 Se fecham, como bronzeados cofres,
 Aos clamores, ao pranto da indigencia,
 A' languidez da tremula velhice,
 A' penuria da misera orphandade,
 E á pallidez da moribunda fome.
 Que espectáculo horrendo ! As tristes gentes,
 Que atterra o despotismo, os baixos olhos
 Mal ousam levantar. Nas turvas frentes
 Não se nota geral contentamento.
 Sem gosto fruição, prazer sem riso,
 Quando muito se observa. Em tristes grupos
 De sem sabôr familias se convertem.
 Não tem maternidade extremos finos,
 Nem paternal amor cuidados nobres ;
 Mães indolentes, ávidos esposos
 No jogo esquecem parentaes deveres,
 O estado esquecem da nascente prole,
 E affeições filiaes mui cedo extinguem.
 No público a frieza, a indifferença
 Mostra a dissolução dos mutuos laços,
 Que humanos corações prender costumam
 Em social ventura, Desligado
 O homem do homem na rude, adversa sorte
 Não acha irmãos ; o sordido egoismo,
 A ignara timidez voltando as costas
 Da terna sympathia aos doces gestos
 Suffocam da amizade o sentimento ;
 E se esta existe, quando muito exhala
 No seio amigo ais vãos, e pranto inutil.
 Terrivel anciedade agita os peitos.
 Nas trevas da incerteza ; e só na idéa

De inopinado, repentino golpe
 O sangue géla ás frias mãos do susto.
 Perece o patrio amor; perecem logo
 Os são costumes; a bondade foge
 Das inhospitas plagas miserandas.
 Sem ter seguro asilo a prôbidade
 E' perseguida, ou solitaria morre,
 Se notada não é. Morre o talento
 Em triste escuridade, ou na penuria.
 Virtude não existe, ou, se apparece,
 E' com desprezo barbaro fractada.
 Em veos mais densos do que Egypcias trevas
 A verdade se esconde; e vêr não deixa
 O mais tenue clarão dos seus luzeiros
 A ignaros olhos, que réjeitam vê-la.
 Cegueira perennal sobre os melhores
 E mais sólidos bens, ao negro abysmo.
 Conduz a marcha dos mortaes errantes.
 Do mal na tortuosa, escura senda
 Elles se encontram de tropel, se esmagam.
 De insanias arrebatados vão sem tino
 Seguindo a falsa luz d'um vão phantasma,
 Que elles chamam ventura, e se extraviam
 Sem nunca obte-la, d'ella atraz perdidos.
 De tanta confusão, de taes errores
 Causa a fera ambição tyranna, impía
 Não quer aqui parar; como instrumento
 Do seu mais firme imperio, e rudes vistas,
 Olha a Religião, no resto nulla.
 » Religião » diz ella, ôca palavra,
 » E de fracos humanos recompensa,
 » E' só precisa á plebe ignara, e rude.
 » Mortaes, que pensam não carecem d'ella »
 N'isto se funda o baixo Sacerdocio,
 Que em vil rudeza impera nas aldéas,
 Que no campo domina; as funcções sacras
 Por ignorancia, ou dolo prevertendo
 O povo sem moral, sem luzes fica,
 Sem idéas, se quer, elementares
 De seu proprio interesse: á voz entregue
 De imperioso, corrompido instincto,
 Que apar das precisões o instiga ao crime.

D'aquí o roubo, o assassinato brotam
 Que immolam sobre a estrada o viajante,
 O que sagrado monumento indica.
 E o campo só theatro de prazeres
 No pavoroso alvergue se transforma
 De impíos ladrões, crueis salteadores.
 De casa sahe, fadado a mais não vê-la
 O inérme Villanez, por erma vía,
 Que o despotismo despovôa rude
 Caminha; eis de repente é surpreendido
 Por galfarros bandidos, que o despojam
 De tudo quanto traz. Supplique, rogue
 E' pai, e esposo; os impíos não se abrandam.
 Traspassa-lhe as entranhas ferro agudo,
 Salpica espadanando a dextra armada
 A torrente vital. Titubeando
 Cahindo em terra o misero fallece.

Nas Cidades tambem reina o flagello.
 E sem perder o matador character
 Divaga occulto o Espirito nefando,
 E nas infimas classes propagado
 De mil fórmãs diversas se reveste.
 Quer ser amo o criado, e busca insana
 O assento a Libré ter da carruagem.
 A manjedoura á sala se adianta
 O baixo remendão se inculca artista,
 Quer ser fidalgo o sordido tendeiro
 E o vendilhão a ter brazões aspira,
 A michela traffica em dadas graças,
 E a prostituta regia pompa veste.
 No mercado se vende até calumnia.
 A sofrega avides de vãs grandezas,
 E de ouro não tem termo: as artes morrem
 Ou no geral desprezo desfallecem.
 Motejam-se as sciencias, ou se insultam.
 Só suas drogas vende á chusma ignara
 Charlatanismo avaro a grande preço.
 Nos peitos, que este espirito domina
 E' tudo confusão, baixeza, orgulho,
 Sem termo amor de lucro, atrocidade.
 N'elles se alenta a furia dos partidos,
 O drago horrendo da civil discordia

A serpe da fallaz Demogagia.
 Do terrorismo a feia catadura
 O louco enthusiasmo dessas tristes,
 Fataes revoluções, que nunca trazem
 A' humana condição melhor estado,
 A' sombra mesmo dos mais sanctos nomes.
 Não se busca a verdade, o jus não vale.
 Do crime na mansão geme a innocencia,
 Ou paga escasso allivio a peso de ouro.
 Tudo nas mãos do engano se deprava,
 E o homem no erro se converte em monstro.

Debaixo d'estes lugubres horrores,
 (Salvo a innocencia, que no berço dorme)
 Do inferno a terra exhibe a feia imagem.
 E isso sempre assim foi; pois do principio
 Disse a soberba aos despotas da terra:
 " Os povos governai, são vossos servos,
 " C'uma vara de ferro; apoquentai-os,
 " Da virtude apagai, vossa inimiga,
 " Os escondidos germes. Da miseria
 " Creai no vosso imperio os rudes males;
 " Que vale mais reger com ferreo sceptro
 " Poucos ignaros, miseros escravos,
 " Que as fartas multidões d'um povo indocil,
 " Que aos duros ferros da oppressão resistem. "

Tal o genio feroz do despotismo.
 Mortaes, tremi d'horror. Vossos destinos
 Elle tinge da côr do negro Averno.
 Porém vossa abjecção, torpe indolencia,
 Vossa depravação d'isto é só culpa.
 Na vileza virtude é germe estranho.
 Não começa do Solio a tyrannia;
 Da immundicia da plebe é que se gera.
 Ella d'animos fracos só triumphá,
 De peitos nobres tímida se alonga;
 E a fraqueza, que cede a seus terrores,
 Mais e mais se vicia. A mesma idéa
 De justiça se apaga. Em tristes sombras
 A razão se amortalha; e nua ostenta
 A' humanidade só torpe esqueleto,
 Dos rudes golpes seus victima infausta.
 Do sevo despotismo ao lado insana

Assim reina Impiedade, assim fallece
 No mal mesmo, que gera, succumbida.
 Marcados pelo horror seus agros dias
 Feios negrejam; suas tristes noites
 São povoadas de Tartareos grupos
 Que por seu turvo imperio se prolongam,
 E a inevitavel sua queda affeiam.

Tambem na casa, que este horror assombra,
 Jámais habita a paz. Discordia reina.
 Com falso resplendor vivendo ignobil
 Sem pão, sem Deus, miserrima familia
 Augmenta deste quadro a fealdade.
 Continuas fraudes, ardiloso embuste,
 Baixas prostituições, tompes contendás,
 De paes, e filhos mutuo desapego
 Fomentando domesticas desordens
 O atraçoado parricidio geram.
 De outra parte fortuna entumecendo
 De infame incontinencia' accessa raiva,
 Dos habitos carnaes trocando o objecto,
 Do leito conjugal troca os prazeres.
 Por estorvos cortar, cortar surpresas,
 A seus maridos perfidas esposas
 Ministram na comida atro veneno,
 Que d'arte prescrevera a mão corrupta,
 Docil sem Deos ao mais nefando emprego.
 Não ha crime na terra á luz trazido,
 Ou no pavor das sombras perpetrado,
 Que não se encontre em tão medonho alvergue.
 Faz tremer, recuar d'espanto a mente,
 Vêr o abismo de males horrorosos,
 Que abre d'esta nascente o fatal curso.

Mortaes, o vosso inferno está presente!
 E todos os seus tetricos pavores
 No coração do máo bramindo imperam.
 Este quadro porém, que perto avulta,
 Remoto é mais pequeno. Em seus excessos
 Poz longe a iniquidade a meta sua:
 O crime tem degrãos. Nunca aos extremos
 Se vio passar de subito a innocencia.
 Por isso na moral da natureza,
 Ao lume da razão, menos custoso

E' ser bom, que ser máo, e é máo de certo
Quem voluntario empece á humanidade.

E' perverso, o que odeia o bem nos outros,
E quem no mal, que faz, folga, é malvado.

Assim no rumo, que se deu do crime,

A primeira passada ao precipicio,

Empuxa fatalmente a especie humana.

Do máo no seio principia o inferno,

No coração se arraiga do perverso,

No do malvado se concentra todo.

Homem, que marchas cego em teus caprichos

Pela estrada do erro, e te deslumbras

Ao brilhante esplendor d'um falso encanto,

Combate as propensões, que ao crime induzem

De incautos peitos a bondade mesmo.

Não procures o estado turbulento

De uma vida infernal, onde a esperança

D'um futuro melhor te desampara.

FIM DO CANTO III.

PARAISO.

CANTO QUARTO.

Panditur aetherea domus omnipotentis Olympi.

TRADUÇÃO.

Abre-se o celeste alcaçar do lucido Olympo;

ARGUMENTO.

A Eternidade não pertence ao nada. E' positiva. E' do Ser que regula os mundos. O tempo existe no seu seio como a dita humana. Esta porém é immortal. Traços della no prospecto da natureza. Principios de Ontologia, e Theosophia. Vida moral só meritoria pela expiação. Felicidade indefinida sobre a terra, só se conhece além do sepulchro. Ella é a vida perenne da Virtude. Infancia desta. Suas qualidades, e seu louvor. Amizade. Seu character não bem decifrado. Sua excellencia. Amor physica—e moralmente considerado. Beneficencia. Suas propriedades. Sua origem divina. Gratidão. Suas lagrimas preciosas. Sabedoria. Sublimidade da sua nascente. Seus dons. Sua resignação, e nobreza. Sciencias naturaes, sua escolha, e seu emprego. Physica, Chymica, Botanica, Zoologia, a Physiologia a mais importante das Sciencias. Seu elogio. Sua connexão com as Artes uteis, e bellas Artes, Esculptura, Pintura. Seus encantos. Musica. Seu louvor. Seus poderes. Poesia, o primor da lingoagem. A dramatica especialmente lustre da moral. Origem das melhores produções do espirito humano. Grandemente influida pela Religião. Esta elucidada,

na voz da natureza, na organização do Homem. Seus effeitos salutaes sobre elle. Como instincto, regrada pela phyllosophia, pharol do sepulchro. Dictado da Fé, da Phyllosophia. Coragem da Fé. Sua prece. Imperturbavel, tranquillu. Atributos essenciaes da Divindade. Definição do Paraizo.

PARAISO.

CANTO QUARTO.

Panditur aetherea domus omnipotentis Olympi.

TRADUCÇÃO.

Abre-se o celeste alcaçar do lucido Olympo.

META sublime de altas esperanças,
 Eternidade, golphão sem limites,
 Onde a idéa se absorve; onde se perde
 O nome das nações ficando apenas
 O da especie, de que ellas dimanaram.
 Pertences tu sómente á natureza,
 Ou do motor primeiro á nobre essencia?
 Se fosses só do nada que acção tinhas?
 Fôra teu seio vão, nada existira.

De poder summo, summa intelligencia
 Carece a grande mole do universo,
 Para nas leis manter-se do equilibrio.
 Se pois tudo o que existe em ti só dura,
 Se o mesmo tempo no teu seio gira,
 Cumpre que a dita humana em ti se funde:
 Que assombro! Eu desta dita observo os traços
 No astro do dia, que as sazões renova.
 No manto azul da scintillante noite.
 O dia ao dia diz que da existencia,
 Que da vida o começo é dependente

5 *

De um primeiro motor, principio eterno
 Grande Ser, que as leis dicte ao movimento.
 A noite aponta a noite, a sapiencia,
 Que reluz n'essa abobada estrellada
 Na estrutura dos Ceos. Sim, tu das sombras
 Grande rainha; magestosa Noite,
 Tu, que te assentas sobre erguido, e vasto
 Throno pyramidal, sobre o qual pende
 Rico docel de rutilantes orbes,
 Tu vêr me deixas a fachada augusta
 Do templo assombrador da natureza.
 E' do teu seio socegado, e mudo
 Que eu posso contemplar taes maravilhas,
 E olhar attento a compassada marcha
 Dos mundos, que, ao redor de ti brilhando,
 Prefazem o seu giro, e não se encontram.

Oh divino saber! Força infinita!
 Que prospecto sublime! E quem vêr pode
 Com siza da attenção, com mudo assombro
 Esse luzente exercito de mundos
 Pelo espaço rodar, sem que deseje
 A visita fazer da etherea via,
 Comunicar os entes, que alli moram,
 E á origem da existencia remontar-se?
 Foi necessario o manto azul da noite
 Para vêr-se o soberbo frontispicio
 Desse brilhante, portentoso alcaçar,
 Que a nimia acção do sol encobre á vista.
 São precisas tambem da morte as sombras
 Para sentir-se a acção da luz celeste,
 Que dos mundos esconde a economia.
 Força o contraste ao sentimento aviva,
 Cumpre por isso o escuro á luz mais forte.
 Cumpre todo o rigor do soffrimento,
 Porque do gozo se dilate a esfera.

Bondade natural proficua aos homens,
 Fôra nulla no premio além da campa,
 De expiativa pena desprovida.
 Existe então de certo um Purgatorio
 Para as almas sinceras, bemfazejas,
 Que a humanidade sempre consolaram,
 E que pouco soffreram sobre a terra.

Do sentimento a vida é só ventura,
 Das penas, dos prazeres no equilibrio.
 Na dôr brotas ao dia, em dôr faleces,
 Mortal, tu soffres sempre; e isso bastára
 Se soubesses soffrer; purgadas foram
 As culpas tuas; porém fraco, e ignaro
 Quebras a paciencia: e muitas vezes
 Reincides na culpa, inda soffrendo.
 Teu purgatorio aqui dista com tudo
 Desse outro além da campa: esse das penas
 Na certeza de um Ceo tem grato allivio;
 Aqui tem, quando muito, da esperanza
 O doce lenitivo, que entorpecem
 Muitas vezes da terra impias lembranças.
 Que a esperanza, que dá o entusiasmo
 Obra como elle, a dôr mais rude vence.
 Nisto os dous purgatorios se conformam.
 E até faltando aquelles bens celestes,
 De um Ceo tal esperanza um Ceo valera.
 D'aqui teve o martyrio exeelsas palmas.
 São coroadas sempre da virtude
 As vivas esperanças. Tu por tanto,
 Mortal, trabalha sempre a bem dos outros,
 Farás o teu prôveito; espera firme,
 Põe só em Deos a cónfiança tua,
 Ditoso então serás na eternidade.

Qual seja aquella dita incerto ignoras,
 Nada importa ignora-la. Afiançou-t'a
 A suprema justiça, conhece-la
 Um dia poderás. Ditoso dia!
 Ceos! a mystica chave, que afferrolha
 As portas do sepulchro, ha de mostrar-t'a
 Quando os umbraes te abrir do templo eterno,
 Onde sem véos existe a Divindade.
 Oh pasmo! Alli terás presente a gloria
 Na belleza do Ser, que rege os mundos,
 Centro das harmonias do universo,
 Da natureza author, de tudo origem.
 Da vida e do prazer propinquo ás fontes,
 Por toda a eternidade a largos sorvos
 Esgotarás então nova existencia,
 Existencia só premio da virtude.

Sim, da virtude, que dos Ceos é digna.
 Provando já no berço herculeas forças,
 Ella esmaga as serpentes enroscadas
 Das paixões, que acomettem tenros peitos;
 E afeita á privação desses prazeres,
 Que em toda a idade os animos quebrantam,
 No desdem de honras vans fortificada
 De lacteas vias a carreira tenta,
 E a séde fita do celeste alcaçar.

Oh lustre dos mortaes! Virtude augusta!
 Tu sobre a terra angelicos portentos
 Tiras dos puros, generosos peitos,
 Que te sabem sentir. Da humanidade
 Balsamo salutar nos rudes males,
 Unica fonte de prazeres puros,
 Quantos bens não derramas sobre as almas,
 Que em teu imperio rude se exercitam?
 Tu dissipas monotona tristeza,
 Desprezas da insolencia o baixo insulto;
 E a immeritos ataques sobranceira,
 Até do soffrimento o gesto adoças;
 Sem sobresalto a horrenda morte encaras,
 E ris da força, que extinguir te busca.
 Sem ti seria a vida um fardo ignobil
 Incapaz do valor, que tu só prestas;
 Sem ti, sem o sublime teu character
 Fôra do Ceo baldada a recompensa.
 Vão fora o premio da justiça eterna,
 Que te é devido, oh inclita virtude,
 No fim da lucta, que a victoria sella.
 Do teu aspecto foge envergonhada
 Dos baixos vicios a cohorte infame,
 E na tua presença o Crime enfia.
 Mudam de côr os pallidos tyrannos.
 E tu tenaz, e firme em teus principios,
 Mostras á dôr impavido semblante,
 Que as iras mesmo ao Despotismo assombra.
 Arrancas a homenagem dos perversos,
 E fiel a ti sempre, em paz segura,
 No teu final triumpho a humanidade,
 Fadando a eterna gloria, ao Ceo te elevas,
 E saudades do Ceo no exemplo deixas.

Salve sublime, divinal Virtude!

Se os mesmos impios curvos te respeitam,
Que impressão fazer devem teus encantos
Nos ternos corações, que amar te sabem?
Salve Virtude augusta! Eu te bendigo,
Humilhado me prostro a teus altares,
E convido os mortaes para o teu culto.
Conheço o poder teu, e o teu character.
Quem te servir, quam te adorar sincero,
As delicias de hum Ceo terá por premio.

Salve tambem de angelica excellencia
Suprema producção, doce Amizade!
Celeste dom, delicioso encanto
De ternos corações, sublimes almas.
Quem respira em teu seio o Ceo respira.
Mortaes quão poucos teu valor conhecem!
Uns te chamam dever de animos gratos,
Outros gostosa acção de officios mutuos,
E os melhores de peitos sublimados
Mutua affeição vaidosos te apellidam.
Sim, tu não podes ser de almas ignobeis
Sentimento commum; porém não basta
Que á doce sympathia unida existas.
Teu imperio é mais nobre. Tu somente
Nos peitos reinas, que a virtude prezam.
Egoismo, ambição, fereza, orgulho
Cubiça, inveja, sordida avareza
Tua divina inspiração rejeitam.

Solitario prazer não te pertence.
Em mutuo gozo unicamente folgas;
E em mutuas penas tua dôr mitigas.
Oh de vontades duas doce enleio!
De corações reciproco sentido!
Magica força, que prodigios obras
De unanime, gostosa heroicidade?
Tu provada no risco, e na distancia
Superas a desgraça, e ris da morte.
Onde posso encontrar-te? Oh bem supremo,
Em que terra, em que idade? Oh Ceos! dizei-m'o,
Vós de certo o sabeis, dizei-me aonde
Acharei d'amizade o doce ninho.
Na mesma profissão? Rivaes não se amam.

Será nos dons da sorte? Ah! são precarios.
 Mas toda a condição, qualquer estado
 A pode fornecer, se de almas bellas
 Fôr reciproca a estima, o toque puro.
 Oh candida Amizade, ethereo gozo!
 Salve dom divinal!.. Quem te possue
 Possui mais que um sceptro, e mais que um mundo.
 Não cessarão meus votos de invocar-te!

Nem será nos meus versos esquecido
 Da mesma sorte o Amor, pois doce argola
 Da cadeia geral, que os seres prende
 Entre si, e a existencia; é função mixta
 Da especie, que fecunda, e que entrelaça.
 Do instincto, e do prazer seguindo as vozes,
 Das familias o berço elle extremando,
 Faz da prole a adhesão, o apego á patria;
 E a industria das nações, e o poder cria.
 Vago na especie, que alimenta, e préza,
 Seus interesses avido zelando,
 O caminho espairose á humanidade.
 Mas fixo no individuo, elle assumindo
 Poder mais amplo, arrebatao, ardente,
 Da vasta creação transpondo a meta,
 Voa ao bello ideal da occultas glorias,
 Dentro em si mesmo o paraizo encontra,
 E á sorte sobranceiro, estranho a tudo,
 Mundos esquece, e eternidades sonha.
 De um modo, ou de outro, sempre o amor benigno,
 Da vida enriquecendo, abrindo as fontes,
 E' dos Ceos no prazer, na essencia imagem.

E que direi de ti, Beneficencia!
 Tu descida dos Ceos, és doce orvalho,
 Que o mais pungente espinho em flor convertes.
 Tu dando á vida mais brilhante esmalte,
 Matas a dôr, o desalento animas,
 Adoças o tormento, o horror abrandas,
 Que os tyrannos do mundo infligem sempre
 Nos miseros mortaes... Thesouro augusto!
 Oh dadiva celeste! Ah! Tu pertences
 Somente ás almas, que do Ceo são dignas,
 Que da fraca innocencia os dotes prezam,
 E que da humanidade as leis respeitam!

Oh pura emanação da Divindade,
 Gentil Beneficencia! Quanto é nobre,
 E augusto o ministerio teu na terra!
 Tu do sceptro injustiças reparando,
 Das nações corrigindo a ingrata inercia,
 Fazes mais do que as leis, que os homens fazem;
 O desvalido merito avientas,
 E a sã virtude defraudada abrigas.
 Quando não fosse um Deos, tu delle imagem,
 Farias sobre a terra as suas vezes.
 E a faltar outra voz que um Deos provára,
 A dizer-lo aos mortaes tu bastarias.
 Voltar por tanto aos Ceos, teu berço, deves.

E' tambem saboroso, é doce o pranto,
 Que verte a gratidão; curvando a frente
 Dos beneficios ao suave peso,
 De que prodiga a encheu benigna dextra.
 Reconhecendo alegre as puras bençãos,
 Na paga a gratidão culto dirige
 Do bemfazejo timbre ás almas bellas,
 E altas venturas adorando goza.

De não menos sublime, e excelsa fonte,
 Trazendo egregios dons mais escondidos,
 Brota a Sabedoria. Os véos singellos,
 Que lhe encobrem do rosto a gentileza,
 Deixam vêr seu interno; alli sem fausto,
 Olhando sua origem na poeira,
 Cada dia que vive, um bem ser julga,
 Dom de estranha potencia imprescrutavel;
 Mas que nas leis devisa do universo,
 E firme respeitando a geral ordem,
 Da suprema ventura o templo fita
 Sciencias, seu emprego, e nunca orgulho,
 (Esse orgulho pertence a vãos talentos,
 Que só renome, e não verdade buscam)
 Lhe são degráos, por onde sobe ao cume,
 D'onde contempla as vastas maravilhas
 Da immensa criação; e ao Ser se eleva
 Dos seres todos causa, author de tudo.
 E em baixo olhando imperturbavel olha
 O confuso tropel do tracto humano.
 Mas sciencias, que exactas se apellidam,

São só da natureza experiencias,
Observações d'analyse regradas.

Assim o ingenho humano ha descoberto
As leis do movimento, as leis do peso,
Pelas quaes se equilibram, se revolvem
Pelo espaço girando as brutas massas.
Explicou os phenomenos brilhantes
Da luz, que se propaga, e se reflecte.
Os da aerea campina, os meteóros,
Exahalações, relampagos, chuueiros,
Auroras boreaes, phosphoreas luzes,
Dos ventos a constante, a varia causa,
A origem dos trovões, dos terremotos,
Das regradas marés a acção perenne.
Physica, o teu saber, que abrange os astros,
Me explica do universo a economia;
E em divino prazer minha alma expande.

Fixando sobre a terra attentas vistas,
O interior do globo penetrando,
Da chymica os arcanos desenvolvo.
Vejo as combinações, que a massa aggregam
Por leis da affinidade em varias fórmãs.
Da combustão phenomenos decifro.
A fixação de corpos aeriformes,
E d'outros a expansão; vejo os limites,
Que uma esphera de acção traça na terra,
E nella de compor-se, e unir-se tudo,
A um systema tendente de unidade,
Para um plano geral desenho aberto;
Onde de eternas leis deviso a estampa,
E d'Archetypa Dextra aos traços folgo.

D'aqui nos reinos vegetaes entrando,
Mundo nos entes, e nas leis diverso!
Da organica estructura o templo encaro,
E ao sanctuario da Natureza desço.
N'elle vejo os primeiros elementos,
Que o circulo da vida circumscrevem,
Não passarem d'um ponto alli marcado;
E varios no tamanho, em fórmula varios,
Da terra a face embellezando, abrirem
Jardins de Flora, de Pomona fructos.
Botanica, os teus seres variados

No genero, na especie, em grande escala
 Ao teu cultor confusos se apresentam.
 E bem que o reino teu distinctas mostre
 Vastas provincias, e diversas tribus;
 Attento exame logo, investigante
 Passeio em florea quadra, a indentidade
 Do teu promiscuo Imperio em varias classes,
 Em varias ordens provam; são diversos
 Teus individuos; e o governo o mesmo.
 Muitas vezes um macho, e muitas femeas,
 Outras uma só femea, e muitos machos
 Nos thalamos da vida imperam juntos.
 Porém nem sempre unidos, separados,
 E occultos muitas vezes são seus leitos.
 Da prolifica força sendo o excesso,
 Assim preciso a fecundar substancias,
 Cuja organisação, primeiro ensaio
 E' no plano da vida um passo dado
 Para a escala augmentar de novos entes,
 Entes na fórma, e vida assáz diversos!

Teu estudo, botanica, fornece
 Doce emprego aos sentidos; e abre á mente
 De celestes delicias vasto campo.

D'alli tambem passando, oh Zoologia,
 A teu disperso, movediço imperio,
 Dos animaes deviso a grande escala
 Nas tres partes do Globo repartida.
 Nos ermos do ar vastissimas campinas
 Os individuos da volatil chusma,
 Nas suas proporções menos distinctos,
 De seu reino á extensão mal correspondem.
 Ao contrario nos liquidos espaços
 Dês dos entes, que observa o mycroscopio,
 Té aos grandes cetaceos, ha caterva
 De inumeras familias nadadoras,
 Que a seu vasto elemento accomodadas
 O circulo da vida amplo distendem.
 Seres locomotivos sobre a terra
 Tanta especie, taes numeros não mostram.
 A cadêa comtudo, que entrelaça
 O verme rojador, volante insecto,
 Os reptis, os quadrupedes, e amphibios,

Incluindo da vida os elementos
Corre extensa, e termina ás plantas do homem.

Oh quadro magestoso! E foi preciso
A' sabia mão, que organisou da massa
A's sensiveis porções dar tanta fórma,
Dar tanta variedade aos entes vivos,
Porque a fabrica humana um dia fosse?
E tanto ser organico encerrasse?

Aqui, Physiologia, aqui te invoco.
Tu da organisação sondas o berço,
Notas progressos, e seu termo observas.
Tu funcções, resultado do organismo,
Pódes examinar; mas desconheces
O character da força organisante;
Sabes mal condições, que obra-la fazem.
De hum ponto transcendente olhas com tudo
Começo e fim da organica existencia,
E as leis do seu tecido examinando
Vês ensaios vitaes, vês rudimentos,
Que devem completar-se; e o termo ignoras
Na invisivel cadêa aos seres dado.
Sabes porém que toda a força simples
(Tu no invisivel igualmente habitas.)
Única, não composta, a mesma sempre
Nunca póde acabar, qualquer que seja
A fórma, em que ella exista; isto affiançam
As leis do movimento, as leis eternas,
Que os centros firmam dos pesados orbes
Que poderão mudar, nunca extinguir-se.
Oh sublime sciencia! Tu sómente
Da vida penetrando o sanctuario
Das leis fundamentaes, que a organisaram,
Conhecendo o poder, melhorar podes
A raça sensitiva, e mais que as outras,
A natureza humana investigando
Podes ser proveitosa á humanidade.
Que encantos não descobre o teu estudo!
Que outro mais bello segue a mente humana?
Sim, vós, sciencias, que fazeis o lustre
A gloria dos mortaes, vós sois o apoio,
Sois o emprego melhor, que aos homens coube.
Sois o auxilio das artes proveitosas.

Por vosso grato influxo incultas brenhas
Se tornaram jardins; despiu-se a terra
De espinhos rudes, asperos abrolhos,
E cultas messes espraiaes douraram.
Fundaram-se cidades, e se ergueram
Seguros tectos, commodos alvergues,
Suave habitação de cultas gentes.
Destas formou-se o social enlace.

Rasgou-se o seio aos mares; e o commercio
Em prisões de ouro fez unir-se o mundo.
Sciencias, vós polindo a mente rude,
Desenvolvendo humanas faculdades,
E luzes diffundindo, a negra chusma
Afugentaes de miserandos erros,
De vãs superstições, de erroneas crenças,
De acerbos dores, horridas molestias,
E sois capazes só de oppor barreiras
D'ambição desabrida ao rude passo.

Vós lançaes sobre a terra os beneficios,
Os thesouros do Ceo, e os seus prazeres.
Vosso emprego é divino, e já merece
Vosso amor, vosso culto erguidas aras.
De vosso influxo forças derivando,
Tambem folgam luzindo as bellas artes.

Risse, e chora no marmore a Esculptura,
E de traços vitaes ornando a pedra,
Faz as mudas paixões fallar sem vida.

Da natureza as fórmulas imitando,
Risca seus quadros a pintura claros,
E o ideal seguindo da belleza
Nos encantos, que aos olhos patenteia,
Os prazeres do Ceo descobre á mente.

Do buril, do cinzel prodigios raros,
Inclitas obras de fecundo engenho,
Vós encantaes o admirado mundo.

Nem são menos de assombro, e louvor dignos
Os talentos, que a magica harmonia,
Espalham no melhor sentido d'alma,
Na via auricular fazendo encantos
Sentir, que exprimem de celestes côros,
Angelica, e regradada consonancia.
Musica excelsa, cuja acção divina,

Abrandando dos tigres a fereza,
 Pôde arvores mover, levantar muros,
 E salvaticas turmas adoçando,
 Cidades fez pular, sorrir campinas;
 Tu és o talisman, que enfrear sabe
 Os progressos do vicio, acalentando
 As mais rudes paixões, que dormir fazes.
 Tu do ignobil soldado o ardor despertas
 Marcial heroico, que o ginete monta,
 Ou que marcha no campo em densas filas.
 Tu, recreio melhor da mocidade,
 No coração conservas da donzella,
 O thesouro maior da formosura,
 A preciosa, a virginal pureza.

Salve! Tu flor das artes, das sciencias
 Emprego sublimado, alta Poesia!
 Quem melhor do que tu, requintar pode
 A gloria das nações? Tu do passado
 Já quasi extinctos feitos revivendo,
 De illustre exemplo a muda acção reforças.
 Tu derramando da eloquencia as graças,
 E's o rico primor da humana lingua.
 Tu clarão philosophico espalhando,
 Dás á verdade mais brilhantes lustres,
 Que da ignorancia as trevas afugentam.
 Tu do publico riso expondo ás vaías
 Os desaires do vicio os mais secretos,
 Ou na scena exhibindo em grandes rasgos
 Revoluções, catastrofes, horrores
 D'ambição, fanatismo, e paixões cegas.
 Corações commovendo, e da virtude
 Os encantos mostrando, a moral serves.
 Tu dás vida perpetua a mortaes obras.
 Celeste inspiração! Baixando á terra
 Em rudes eras, ou brilhantes tempos,
 Em paiz bronco, ou culto, manifestas
 De teu poder nativo a grande origem.
 Tu de humanos esforços não dependes.
 Doce consolação na adversidade,
 Na solidão recreio, almo conforto,
 Tu qualguer gozo, e toda a gloria suppress.
 Sim, que prazer, que magico deleite

Não dás aos corações, que te cultivam!
 O mesmo Tempo, que devora os bronzes,
 Respeita os nomes dos cantores dignos,
 Que da virtude os feitos celebraram;
 E do vate immortal, que honra-la soube,
 Recebe a campa de animos sensíveis,
 De gratos corações rico tributo
 Nos ais maviosos da saudade, e pranto.
 Oh divina Poesia! eu te saúdo,
 Recebe o culto meu. . . Quanto te devo!
 Tu me tens sido o mais gostoso emprego
 No meu longo soffrer. Tens de meus dias
 O mais formoso encanto originado!
 Mas se do berço teu desces raiando
 Com graças divinaes, que assim te mostres
 Aos homens cumpre; em quanto não remontas
 A teu sitio natal. Teu mais formoso,
 E rico adorno religião te presta.
 Sem ella nua pelo chão te arrastas.
 Vigorada porém de sacras forças,
 Pelo influxo dos Ceos, tens produzido
 Esses quadros sublimes, e estupendos,
 Que triumpham do tempo, e até da morte.
 Qual é pois esta força? Esta potencia
 Derivada do Ceo, que tanto exalta
 Dos humanos a especie? E que parece
 Da Creação no resto anniquilar-se?
 E a voz eterna nos trovões bramindo,
 Nos roucos ventos, concussões da terra,
 No ligeiro relampago, exprimida
 Por toda a natureza, acaso é morta
 Para os montes, e vales, para os brutos?
 E é só do homem sentida? Oh veneranda
 Filha dos Ceos, Religião sagrada!
 Embora fraude, astuto ardil te chame,
 Ou politico invento a Insipiencia.
 Saber mais util, mais profundo estudo
 Tem descoberto na estructura humana
 Os alicerces de teu templo augusto.
 Sim, nado o homem teve, e elle sómente
 Orgãos, que a Divindade lhe descobrem,
 Que lhe inspiram seu culto, e lho sustentam.

Filha dos Ceos, Religião sagrada!
 Tu guias com certeza humanos entes
 Nos erros da vida, e acções regrando
 Pelo firme compasso do infinito,
 O melhor typo da virtude ostentas,
 E de eterna ventura os bens seguras.
 Sem ti, c'os brutos seres se confunde
 A humana divinal physionomia.
 Pois só brutas paixões se avistam n'ella.
 E's tu, tu só, que o homem levar podes
 A' ideia de um futuro mais sublime,
 E lhe arraigas no seio as esperanças
 De não terreno estado, em que o vigoras
 Contra as da sorte incertas contingencias
 E o gozo já lhe dás do Ceo, que espera!
 Sagrado instincto humano! Tu careces
 D'um freio todavia, que te leve
 Firme entre os termos, que passar costumas
 Quando te exaltam muito, ou te relaxam.
 Por isso da razão guiado ás luzes
 (E accende luzes taes philosophia)
 Deves sómente ser, senão cahindo
 Da primeira pureza entre os delirios
 De phantastico orgulho, ou vãoos temores
 Produzes logo os desabridos males
 Da atroz superstição, do sanguinoso
 Fanatismo cruel. Sim, doce instincto,
 Quando de erros fataes não te acompanhas,
 E's o escudo melhor da humana especie
 Nos duros lances da fortuna injusta,
 Nas oppressões da seva tyrannia,
 Da morte, e da tortura entre os horrores.
 Tu balsamo suave, e prestadio
 Em toda a precisão, nas grandes crizes,
 Em que periga sempre a humanidade
 E's gostoso conforto, és grato allivio.
 Consolo do homem! Ergues-lhe a esperança,
 E resignando em fim suas vontades
 Co'a perda temporal da terrea vida,
 Do tumulo sombrio lhe guarneces
 As feias bordas com perpetuas flores.
 Ante ellas paro, e busco ajuntar forças

Para do esturo váo saltar affouto
 A occulta ribanceira. E donde posso
 Taes forças hir buscar? Só posso obte-las.
 De ti, Religião; tu só dar podes
 Verdadeiro valor para tal passo.
 Sem ti, saber humano é sempre nullo.
 Vale menos que a fé philosophia.
 Sim, esta me illumina; mas coragem
 Só daquella recebo; e em turvos mares,
 Qual o pego sem fim da Eternidade,
 Sómente é sustentaculo a Esperança.
 Não póde a negação de um bem futuro,
 Nem a duvida mesmo animar entes,
 Que a dôr provaram conscios do seu termo.
 Diz todavia a Fé que o Rei dos mundos
 O auctor da vida, o pai de humanos seres
 Capazes de virtude, ou de delicto
 Remunera, castiga além da campa.

Philosophia diz que os homens sendo
 A' luz trazidos sem consulta prévia
 Com certeza de morte, obras sómente
 São do mesmo Poder, que o todo rege.
 Que sendo este Poder sabio sem termo
 Infinito na acção, na intelligencia
 Devia justo ser; pois de outra sorte
 Seria repugnante a si, e aos homens
 Dar-lhes, o que não tinha. O sentimento
 Da justiça no interno, imperturbavel.
 Comtudo estes principios de verdade
 Trazendo a convicção, crença não geram,
 Que as obras só produz do enthusiasmo.
 Crença do instincto, e persuasão brotando
 Nem sempre é da verdade a nobre filha.
 Philosophia lhe examina as fontes,
 Dos homens esta amiga ama servi-los
 Com mais disvelo áquem da sepultura.
 A Fé transpondo o negro váo da campa
 Rompe os laços vitaes com mais firmeza.
 Tambem se corre cega, e arrebatada
 Em erros tropeçando se despenha.
 Pura é sómente a Fé, se á luz marchando
 Da razão, da verdade, os degráos trepa.

Pela sublime escala da virtude
 Da amizade, do amor, beneficencia.
 Grata sabedoria, e sobe ao templo
 D'esse gozo immortal, que os bons premêa,
 Na vida perennal da Eternidade.

Senhor, deste-me o ser. Provar-me queres.
 Não sei se a perfeição me coube em sorte.
 O meu desejo, e esforços meus a buscam,
 Vejo de meus irmãos a inimidade,
 Devo ama-los com tudo. Eis sobre a terra
 A continua peleja, onde ha triumpho.
 Eu lhes perdôo, porque me perdoes.
 Pois mandas-me viver, dá-me a saude,
 O pão me dá, que a meu suor votaste.
 Neste val de illusões, de angustias, dores,
 Só teu auxilio soccorrer-me pode.
 Ah! livra-me do mal, que os crimes gera,
 Para que suba a ti, que a mancha affastas.
 Temo o teu desfavor, e em ti confio.

D'esta arte falla a Fé, quando razão.
 Tranquilla sendo nunca se allucina.
 E como ha de enganar-se um Deos fitando
 Justo, clemente, bom, sabio, infinito
 Na sua bemfazeja variedade?
 E pode um Deos assim das obras suas
 Recusar-se ao valor? E os bens negar-lhes,
 Que lhes promettem suas mesmas vozes,
 Dentro da consciencia assaz expressas?
 Ah! não, não mente um Deos. Não se retractam
 As leis da creação, e as leis da vida.
 Do prazer nasce a vida; a dôr a prova,
 E o premio da virtude ha de preencher-se.
 Fôra sombria a luz, se isto falhasse,
 E as trevas claridade espulhariam.
 Não pode ser o mal da vida origem,
 Nas altas concepções da mente eterna.
 E se elle entra nos Calicos desiguos,
 E' como escala só para a ventura.
 D'entes de aperfeiçoar-se susceptiveis,
 Capazes de senti-la. Da existencia,
 Como da vida o combinado arranjo,
 Fructo é somente de eterna bondade.

De supremo saber, de omnipotencia.

No seio assim de um Deus, que no equilibrio
De eternas forças a justiça exerce,
Que nunca aborrecer pode os seus entes,
Junto ás fontes da vida. No regaço
Da virtude provada, e triumphante
Em gozo eterno o Paraizo existe.

FIM DO CANTO IV.

A VERDADE.

H Y M N O A D D I C I O N A L .

UNIVERSO, expressão de eterna Força,
 Plano de sabias Leis, contigo existo.
 Sou de ti parte; mas não ser o mesmo,
 Teu ser, e o meu conheço.
 Como parte d'um todo impercível
 Nunca posso acabar. Como unidade
 A vida recebi; posso perde-la,
 Mas não a sua essencia.
 Dôr, e prazer, que ao mesmo tempo existam
 No individuo repugna. E' variavel
 A vida só no tempo, e fóra d'elle
 Não pode ter mudança.
 Se é pois da vida a essencia indestructivel,
 A vida temporal, que acabar deve,
 Só por elos moraes da Eternidade
 No seio vai fixar-se.
 Filha a Razão da summa Intelligencia,
 Visivel, e invisivel encadeia;
 E do justo, e do injusto acha os principios
 Na sapiencia eterna.
 Ser physico, e moral toca a dous mundos.
 Tem órgãos a Verdade, e as suas vozes
 O moral reconhece, inda que fracas
 No physico resoem.
 Filha dos Ceos, Verdade augusta, salve!
 Bem que eu não veja a tua luz vir recta,
 Repugna-me que a Mão, que rege os Orbes,
 Da terra só não cuida.

Repugna-me que o crime impune folgue,
 Que a Virtudé gemer somente deva;
 Que seja nulla da Justiça a idéa,

E vago o sentimento.

Seria a vida um mal, não sendo eterna;
 Não tendo a criação na economia
 Dos seres actuaes medida justa

De penas, e prazeres.

Nas altas concepções do entendimento
 Em vida passageira o mal só cabe;
 Bem como prova de melhor futuro,

Que arraiga no Infinito.

Que dom funesto o dom, que um mal só fosse!
 Que perfido o favor, que os ais deixasse
 Sem conforto, as fadigas sem descanso,

Sem gozo as esperanças!

Mofaria a Razão, e o molde augusto
 Da sublime Verdade aos pés calcara
 Quem, desmentindo as leis da Natureza,

O Eterno anniquilasse.

Leis sem legislador, e architecturas
 Sem architecto vêr, seria o mesmo
 Que olhar no espaço a machina do mundo

Sem regra regular-se.

Fatal contradicção! Se a mente humana
 E' capaz deste absurdo, é desde o berço,
 Da externa criação germe imperfeito,

Informe, e esteril monstro!

A origem do meu ser de certo ignoro.
 Mas do summo Poder que é dom conheço,
 Com jus de o reclamar, pois que paterna

Bondade m' o affiança.

Tenho jus a gozar quanto me é dado,
 Se este dom não corrompo, ou desfiguro
 De justa propriedade um Poder justo

Não pode alienar-me.

Que é justo este Poder, que a vida outorga,
 Da mesma criação nas leis deviso.

Que dôr se deve á dôr, e gozo ao gozo

Percebem os sentidos.

Melhor sabe a Razão, que punir crimes,
 Virtudes premiar cumpre á Justiça.

Que os direito, o deveres, e a Verdade
Dimanam do Infinito.

Do Sol, e da Verdade as luzes gozam
Na mesma proporção da terra os povos,
E só quem sua acção rejeita insano

Vive no erro, e nas trevas,
Pai de tudo o que existe, author dos mundos,
Tu me deste a Razão, tu me outorgaste
Conhecer a Verdade. Ella me ensina
Seus rigidos dictames.

Devo ao Ceo gratidão; socorro aos homens;
A mim conformidade. Eis os deveres,
Que prescreve a Razão, que as bases formam
Da social ventura:

Gema embora a Virtude em duros ferros,
Folgue na terra o crime. Ha de preencher-se
Justiça universal. Do Ceo decretos
Confirma a Eternidade.

LISTA

DOS

SUBSCRIPTORES PARA A IMPRESSÃO DESTA OBRA.

Suas Magestades

A RAINHA D. MARIA II.
EL-REI D. FERNANDO II.
A IMPERATRIZ VIUVA. AMELIA.

Alexandre de Abreu Castanheda.
Alexandre José Gonçalves Ramos.
Alvaro José Passos Peixoto.
Amaro José Matheus.
Amaro Couto.
Anselmo José Braamcamp.
Anselmo Gomes Pinheiro.
Antonio Bernardo da Costa Cabral.
Antonio Barreto Ferraz de Vasconcellos.
Antonio Clemente de Sousa Geão.
Antonio Gomes Pinheiro.
Antonio Dias d'Oliveira.
Antonio Cabral de Sá Nogueira.
Antonio Bernardo da Fonseca Moniz.
Antonio F. Borralho.
Antonio da Fonseca Mimoso Guerra.
Antonio Gomes de Castro.
A. J. de Lima Leitão.
Antonio José d'Avila.
Antonio José da Motta.
Antonio José de Sousa Pinto.
Antonio José Soares.
Antonio José Lopes Alheira.
Antonio José Ferreira.

Antonio Dias d'Oliveira.
 Antonio Esteves Chaves.
 Antonio Carneiro.
 Antonio Lobo de Barbosa Girão.
 Antonio Luiz de Seabra.
 Antonio Maria Couceiro.
 Antonio Maximo de Couto.
 Antonio Maximiano Bulas.
 Antonio dos Santos Rocha.
 Antonio dos Santos Rhino.
 Antonio Placido d'Azevedo.
 Antonio Martins d'Azevedo.
 Antonio de Sousa Pinto de Magalhães.
 Antonio P. Carneiro Canavarro.
 Antonio B. Pereira do Lago.
 Antonio Sebastião d'Araujo.
 Antonio Vasconcellos.
 Balthezar Manoel da Costa.
 Barão d'Almeida.
 Barão de Inhamerin.
 Baroneza de Inhamerin.
 Barão d'Argamassa.
 Barão de Ruivoz.
 Barão do Tojal.
 Bernardo José Pereira de Carvalho.
 Bernardo Rodrigues Medeiros.
 Bento Pereira do Carmo.
 Brigadeiro Carretti.
 B. W. Tazer.
 Caetano Alberto Machado.
 Caetano Adrião Accacio da Silveira Pinto.
 Carlos Miguel da Cunha Vieira.
 Cardozo Pou Certa.
 Clemente Joaquim de Abrantes Bizarro.
 C. A. J. Cayola.
 Conde de Cunha.
 Conde de Lumiares.
 Conde de Lumiares, José.
 Conde de Sá da Bandeira.
 Conde do Sabugal.
 Diogo José d'Oliveira da Cunha.
 Diogo Smith,

D. Maria Magdalena de Bettencourt.
D. Maria Vicencia de Bettencourt.
D. Vicencia Margarida de Bettencourt.
D. Carolina Leal.
D. Julia Leal.
Domingos Antonio Ramalho Varella.
Domingos Antonio Barbosa Soares.
Domingos José Pinto Vianna.
Domingos Joiee.
Francisco Affonso da Costa Chaves, e Mello.
Francisco Antonio de Campos.
Francisco Antonio d'Almeida Peçanha.
Francisco Antonio d'Andrade.
Francisco Antonio Machado.
Francisco Antonio Silva Peirense.
Francisco d'Albuquerque Pinto Castro, e Napoles.
Francisco M. da Cruz Rebello.
Francisco de Lemos Bettencourt.
Francisco Lessa.
Francisco da Camara.
Francisco Pinto dos Reis Mascarenhas.
Francisco José d'Almeida.
Francisco José dos Prazeres.
Francisco Pretextato Correia.
Francisco Pedro.
Francisco da Cunha, e Menezes.
Francisco Maria Perfumo.
Francisco Maia Junior.
Francisco Martins.
Francisco Rebello Leitão.
Francisco Soares Caldeira.
Francisco R. Pereira Ferraz.
Francisco de Sá Nogueira.
Francisco Ignacio dos Santos Cruz.
Pelix Joaquim da Silva Ribeiro.
Fructuoso de Paiva Cardoso.
Filippe Zagallo.
Filippe Creuse.
Gaspar F. do Couto.
Guilherme José de Gonços.
George Cezar de la Figaniere,
Ignacio Gomes Bravo.

Innocencio Francisco da Silva.
 Jacinto Pereira Borges.
 Jacinto Paes M. Falcão.
 Jacinto Falcão.
 Januario Vicente Camacho.
 Joaquim Dias da Costa.
 Joaquim Filippe de Soure.
 Joaquim Maria dos Santos.
 Joaquim Malheiro de Mello.
 Joaquim H. Ferreira.
 Joaquim José Cicilia H.
 Joaquim da Silva Soares.
 Joaquim José Baptista.
 Joaquim Ribeiro.
 Joaquim Larcher.
 Joaquim José de Queiroz.
 Joaquim Velloso da Cruz.
 Joaquim Antonio Borges.
 Joaquim Antonio da Costa Sobrinho.
 João Anselmo da Silva Soares.
 João Maria de Salerno Jordão.
 João José da Costa.
 João Ignacio da Cruz Forte.
 João Fernandes Thomaz.
 João Baptista Massa.
 João Marcellino Matheus.
 João Antonio Saraiva de Amaral.
 João Elias da Villa Franca, e Sá.
 João Caldeira Pinto.
 João Maria de Abreu Castello Branco.
 João de Mattos Pinto.
 João Manoel de Carvalho, e Olios.
 João José de Mesquita.
 João de Mattos.
 João Ferraz de Macedo.
 João Ferreira Prego.
 João Vicente d'Oliveira.
 João Camara.
 João Correia de Faria.
 João José de Sousa, e Silva.
 João das Neves Maia, e Mello.
 João Manoel Teixeira de Carvalho.

João Bernardo de Sousa.
 João Marcolino Ferreira,
 João José dos Reis.
 João Daniel Friech.
 José Antonio Soares Leal.
 José Bento Salazar.
 José Elias de Bettencourt.
 José Martinho Pereira de Lucena.
 José Martinho Alvito.
 José Maria Pereira e Sousa,
 José Teixeira d'Aguilar, e Lemos.
 José Jacinto de Amaral Banhos.
 José Manoel Leitão.
 José Rodrigues d'Azevedo.
 José Tedeschi.
 José Brandão Pereira de Mello.
 José de Sousa, e Oliveira de Carvalho.
 José Buselly.
 José Farto Branco.
 José Joaquim de Mendonça.
 José Joaquim Pimenta.
 José Joaquim de Carvalho.
 José Joice.
 José Marques Pereira.
 José Ezequiel da Costa Rioci.
 José Joaquim Lobo.
 José Joaquim Bolonha.
 José Melquiades Leger.
 José F. R. Schiappa d'Azevedo.
 José Sabino Matheus Valente.
 José Quirino Valverde.
 José Joaquim Joannis.
 José Joaquim Brandão.
 José Antonio Affonso Dias.
 José Maria Esteves de Carvalho.
 José da Silva Ferreira Santos Valle.
 José Caetano de Campos.
 José Antonio Ferreira Braklami,
 José da Costa Sousa Pinto Basto.
 J. H. Ferreira.
 José Manoel de Sá Vargas.
 José Joaquim dos Reis.

J. M. Rojão.
José Ferreira Pinto Junior.
José Alexandre de Campos.
J. J. Lopes de Lima.
J. J. Gomes de Castro.
J. G. Pina Cabral.
José de Castro Ferreira de Macedo.
José d'Oliveira Machado Villa-chã.
José Liberato Freire de Carvalho.
José Ferreira Pestana.
José Francisco Braamcamp.
José Duarte Machado Ferraz.
José Pereira Mendes.
Julio Gomes da Silva Sanches.
Luiz Ribeiro da Silva Saraiva.
Luiz Cypriano Coelho.
Lourenço José Moniz.
Lourenço J. Peres.
Libanio Antonio Gomes.
Luiza Joice.
Macario de Castro.
Mary Charlotte Saddington.
Manoel Alves do Rio Junior.
Manoel José de Sousa.
Manoel José Nunes de Sequeira.
Manoel Gomes dos Santos.
Manoel Antonio Pereira.
Manoel Gonçalves Pombo.
Manoel de Sousa Raivoso.
Manoel Antonio Velho da Rocha.
Manoel J. Cardozo Castello Branco.
Manoel José da Silva Araujo.
Manoel Teixeira de Carvalho.
Miguel Faria Saraiva do Amaral.
Nicolau Tolentino Carvalho Villa.
Pedro de Bettencourt Vasconcellos.
Pedro Gomes da Silva.
Pedro N. de Sousa.
Ricardo José Baptista.
Ricardo José Duarte.
Rodrigo da Fonseca Magalhães.
Rodrigo Sousa Castello Branco.

Sebastião Carlos Navarro de Andrade.
Simão Thadeu de Moraes.
S. B. d'Almeida.
Thomas B. Rendell.
Thomaz Joaquim d'Araujo e Castro.
Thomaz de Mello.
Theodoro V. e Amorim.
Tito Augusto de Carvalho.
V. A. Antonio da Rocha Cabral.
Vieira de Castro.
Visconde de Semedões.

OBRAS DO MESMO AÚTHOR PRÓPRIAS PARA A IMPRENSA.

SARCOTHEÓSE.

A PUREZA CONJUGAL, OU ROSARIO MÍSTICO.

Poema phylosophico-sacro, em Cantos XV, em que se faz a devida applicação do Christianismo á Moral publica.

POESIAS LYRICAS

Sobre objectos de moral, e publica utilidade.

ELYSEIDA

OU O HEROISMO PORTUGUEZ NA INVASÃO DOS FRANCEZES
EM 1810.

Epopea em versos hexametros, e Cantos IX, Monumento á Gloria Nacional.

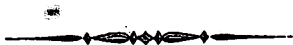
HOMERO MODERNO

OU A ELEGANCIA DA LINGUAGEM.

Contendo a Theoria da Falla, da Grammatica, e a explicação dos versos hexametros, e pentametros. Poema hexametro Portuguez. O Incendio de Moskow em 1812. Extractos da Eneida, e Illiada, traduzidos no metro dos originaes, em que se mostra a belleza da Lingua Portugueza, e as suas Graças Greco-Latinas.

II JU 68

TRADUÇÕES.



POESIAS CLASSICAS INGLEZAS.

Contendo alguns Cantos do Paraizo perdido de Milton. Noites de Young. O Verão das Estações de Tompson. O Naufragio. Poema de Falconer, em tres Cantos, com uma Elegia occasional.

ODES DE ANACREONTE, E SAPHO.

Traduzidas do Grego no respectivo metro, ou proximo dos originaes, com as vidas daquelles dous antigos escriptores, e considerações sobre a poesia Grega.

Quem quizer subscrever para alguma das mencionadas Obras póde dirigir-se á loja de Livros — Orzel, aos Martyres — Lisboa.

FOR THE YEAR 1968

... of the
... ..
... ..
... ..

CHAPTER II, MEMBERSHIP AND FINANCE

... ..
... ..
... ..

11 JU 68

... ..
... ..
... ..